

Solania Beatriz Timm

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. CARLOS MESKÓ:
POSSIBILIDADES INTERATIVAS DE ENRAIZAMENTO SOCIAL EM
UMA ESCOLA RURAL DO IGUATEMI – CANGUÇU – RS**

Pelotas, junho de 2007.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. CARLOS MESKÓ:
POSSIBILIDADES INTERATIVAS DE ENRAIZAMENTO SOCIAL EM UMA
ESCOLA RURAL DO IGUATEMI – CANGUÇU - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado, da Faculdade de Educação da UFPEL, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Mestranda: Solania Beatriz Timm

Orientador: Prof. Dr. José Fernando Kieling

Pelotas, junho de 2007.

Revisão de texto: Daiane de Jesus Garcia
Elaboração do abstract: Josiane Spitzer Thurow

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

T584e

Timm, Solania Beatriz

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó :
possibilidades interativas de enraizamento social em
uma escola rural do Iguatemi – Canguçu - RS / Solania
Beatriz Timm. - Pelotas, 2007.
90f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de
Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Escola rural pública. 2. Educação popular. 3.
Investigação colaborativa. I. Kieling, José Fernando
orient. II. Título.

CDD 373.22463

Banca examinadora

Dr. José Fernando Kieling. (FAE/UFPEL)

Dr. Danilo Romeu Streck. (UNISINOS)

Dra. Giancarla Salamoni (ICH/UFPEL)

Dr. Gomercindo Ghiggi. (FAE/UFPEL)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. José Fernando Kieling, pelo incentivo constante, a compreensão e a paciência nos momentos difíceis, o sorriso amigo. Pelo inestimável e precioso auxílio, dispondo do seu tempo em favor do meu.

À professora Dra. Giancarla Salamoni, pela disponibilidade, dedicação que muito contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos meus pais Ervino Timm e Aldair Timm, pelas palavras de compreensão e de incentivo, que me ajudaram a percorrer o caminho até o final. Na confiança depositada em mim, acreditando sempre na minha capacidade.

À minha colega Carla Simone Batista Rodrigues, companheira constante nesta caminhada, que sempre suavizou minha angústia com palavras amigas e encorajadoras.

À Direção e professores da Escola Dr. Carlos Meskó, por acreditarem e apoiarem minha proposta de trabalho.

RESUMO

O trabalho aborda a relação da escola rural com a comunidade camponesa, no sentido de discutir com professores e alunos a aproximação dos programas de ensino aos temas e problemas do entorno do educandário. Desenvolve abordagem sobre a localidade, a escola e o cooperativismo camponês praticado por famílias da comunidade, problematizando-os na perspectiva de serem trabalhados como integrantes legítimos do currículo escolar. Relata e comenta o ensaio de investigação com estudantes e professores e a profusão de informações que podem ser qualificadas em pesquisas subseqüentes e servirem como matéria prima das reflexões sobre a totalidade da realidade a partir do local.

Palavras-chave: Escola Rural Pública, Educação Popular, Investigação colaborativa.

ABSTRACT

The work approaches the relation of the agricultural school with the farmer community in the direction to argue with teachers and pupils the relation of the programs of education to the subjects and problems of the educational establishment. It described on the locality, the school and the cooperation peasant practiced for families of the community, stimulating them in the perspective to be worked as integrant legitimate of the pertaining to school resume. It tells and it comments the assay of inquiry with students and teachers and the profusion of information that can be qualified in subsequent research and serve as substance cousin of the reflections on the totality of the reality from the place.

Key words: Agricultural School Public, Popular Education, Collaborator Inquiry.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	07
1 - HISTÓRIA DE VIDA: RETROSPECTIVA	10
2 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	15
2.1 – OBJETO E OBJETIVOS	16
2.2 - DECISÕES QUE CONSTITUÍRAM A PESQUISA (RELATO DE TRAJETÓRIA)	19
3 - SITUANDO O LEITOR NO CONTEXTO DA PESQUISA	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL RIO GRANDENSE	21
3.2. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU E DA LOCALIDADE DO IGUATEMI	22
3.3– COOPERATIVA E ESCOLA RURAL	23
3.4 - FORMAÇÃO DA COOPAL: UM EXEMPLO DE ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DOS PRODUTORES FAMILIARES DE CANGUÇU	25
3.5 – IDENTIFICANDO O CONTEXTO DA ESCOLA.....	30
4 - AGRICULTURA FAMILIAR: CONTEXTUALIZANDO O PEQUENO PRODUTOR NA LOCALIDADE DO IGUATEMI.....	33
5 – ENSAIANDO UMA INVESTIGAÇÃO COLABORATIVA COM OS ALUNOS	38
5.1 - PRIMEIROS CONTATOS NA ESCOLA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS	70
ANEXO 1: Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó	71
ANEXO 2 : Depoimento da professora Joice – Geografia – na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó.....	81
ANEXO 3: Trabalho dos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó a partir de problematizações em sala de aula.....	85

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre um estudo investigativo e colaborativo que vem sendo realizado na escola rural Dr. Carlos Meskó, localizada no município de Canguçu/ RS. Aborda-se a relação desta escola rural com a comunidade camponesa. Para dar conta desta tarefa, foi realizada uma experiência com a comunidade a partir da mediação dos alunos da escola identificando as preocupações das famílias e, objetivando incorporar, legitimamente, os problemas discutidos no âmbito do conhecimento escolar.

Tal estudo originou-se em dois pontos:

- O primeiro preocupa-se com o conhecimento produzido e veiculado em sala de aula e outras instâncias, e sua legitimidade em relação à realidade local onde se insere a escola. Neste sentido há uma tensão difícil de ser resolvida, que procura superar a alienação e a distância das grades curriculares em relação às situações históricas das famílias e das comunidades abrangidas pela escola.
- O segundo propõe o desenvolvimento da pesquisa a partir da centralidade das condições históricas dos sujeitos do campo. Há aqui a necessidade de estudos e pesquisas sistemáticas de caráter bem abrangente, que dêem conta da complexidade das condições históricas vividas pelos colonos do Iguaçemi e arredores, que lhes são muito problemáticas.

Neste trabalho, procuramos, através de conversas e aproximações com professores e alunos da escola, dar um ponto de partida nas discussões a partir de dois fatos:

- o primeiro, com o eixo na escola, focalizando e problematizando os programas de ensino;
- o segundo, com o eixo na comunidade, começando a visualizar e problematizar o conhecimento que os alunos e seus familiares têm sobre as condições históricas que ajudam a constituir e/ou sofrem.

Desta forma apresentamos este trabalho desmembrado em cinco capítulos, a saber:

O primeiro trata de justificar a investigação através de uma retrospectiva da minha vida no intuito de que o leitor entenda as motivações da pesquisa.

A metodologia e os procedimentos metodológicos são explicitados no segundo capítulo. Neste, estão presentes o objetivo principal, bem como os específicos, a escolha dos sujeitos, o local da pesquisa e os caminhos percorridos, ou seja, as decisões que constituíram a referida investigação.

Considerações sobre o espaço rural rio-grandense são realizadas no terceiro capítulo, em que traçamos um paralelo entre a escola rural e a solução encontrada pelos pequenos produtores através da alternativa cooperativista. Relatamos a forma como os pequenos agricultores produtores de leite no interior do município de Canguçu se organizaram criando a COOPAL (Cooperativa dos Pequenos Agricultores Produtores de Leite) como uma mediação social, engendrada para dar conta da problemática comercialização do produto, justamente numa perspectiva de resistência dos pequenos produtores à exclusão dos mesmos da cooperativa dominante. Expomos, ainda neste capítulo, o entorno da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó, situando o leitor no contexto global do qual a instituição faz parte, como também na trama dos sujeitos que participam direta ou indiretamente do processo político-educacional da mesma.

No quarto capítulo, fazemos uma abordagem conceitual da produção familiar na agricultura, fundamentadas nas idéias de autores como: Scaglione, Salamoni e Gerardi, Kieling, entre outros.

O relato da prática realizada na escola, apontando os momentos de maior densidade da pesquisa e a delimitação dos novos rumos tomados, é feito no quinto capítulo. Os resultados iniciais da pesquisa são apresentados através da análise e interpretação de dados e informações coletadas junto à comunidade escolar e camponesa.

Nas considerações finais, analisamos as características e perspectivas do trabalho desenvolvido, buscando apontar caminhos que possibilitem elaborar estratégias para a educação rural em suas práticas pedagógicas.

1 - HISTÓRIA DE VIDA: RETROSPECTIVA

Aqui se faz necessária uma retrospectiva da minha vida familiar, para que o leitor entenda os vínculos entre mim e a pesquisa a ser realizada. O seu teor está intimamente ligado à minha vida particular.

Tudo seria diferente, se não tivéssemos sido vítimas do infortúnio. Seríamos apenas mais uma família no censo do IBGE, que morava na zona rural. Mas a confiança que meu pai depositou no próprio irmão nos trouxe uma realidade bastante sacrificada. Isto porque meu pai jamais poderia imaginar que não poderia confiar no próprio irmão, ainda mais em tempos em que a palavra dada valia mais que a assinatura num papel. Era o que deveria ser. Mas não foi.

Meu pai comprou uma casa e alguns hectares de terra do próprio irmão, no interior de Canguçu, na localidade de Herval, segundo subdistrito, mas não pediu nenhum recibo assinado. Quando as prestações acabaram, naturalmente a propriedade deveria ser escriturada em nome do meu pai. Porém, a surpresa foi grande ao descobrir que a terra já havia sido escriturada em nome de outra pessoa, para pagamento de dívidas do meu tio. Anos de trabalho pesado na lavoura pagando uma terra que jamais seria sua. Desta forma, a miséria nos alcançou e, junto, trouxe todos os infortúnios da vida. A doença de minha mãe, consequência da infelicidade de terem acreditado em pessoa de tão pouco valor, nunca foi de todo curada; segundo os médicos, não há cura total para doença neurológica. Com tratamento e algumas internações o problema pode ser apenas amenizado.

Na época, fomos acolhidos em uma pequena casa nos fundos da Igreja. Não poderíamos pagar a moradia com dinheiro, mas havia outras formas de pagamento, como, por exemplo, trabalho. Muito trabalho.

Mas, numa região, em que, apesar de predominar a pequena propriedade, os colonos estão financeiramente bem providos, pessoas com menos recursos não são bem vistas e assim fomos “convidados a nos retirar da casa”. Sem outros meios de sobrevivência, tivemos como única alternativa, a vinda para a cidade.

Na época, não havia oportunidades como hoje, em que a cooperativa (COOPAL) tem como objetivo ajudar os excluídos que já perderam as esperanças, a força de vontade e, muitas vezes, a dignidade, conforme será abordado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Na inocência de criança, não percebia o quanto, desde a mais tenra idade, eu estava relacionada, apegada à educação. Apenas agora, passados tantos anos, consigo lembrar, como num filme, uma cena que mostra a minha proximidade com a educação escolar.

Ainda lembro da cena: sentada em cima de uma mesa rústica, as perninhas balançando. Eu, com apenas cinco anos de idade, tentando convencer minha mãe, que cozinhava em um fogão a lenha, a falar com o diretor da escola para fazer minha matrícula. Minha mãe argumentava que eu não tinha idade suficiente para freqüentar a escola, mas que ia tentar falar com alguém. Creio que dizia isso apenas para que eu parasse de “atormená-la”.

Como no interior todos se conhecem e mantêm boas relações de amizade, minha mãe conversou com o diretor, explicando a minha vontade de ir ao colégio. Ele não viu problemas em deixar que eu fosse, dizendo que eu apenas acompanharia a turma da primeira série, mas que, na realidade, eu não estaria matriculada. Para a surpresa de todos, entretanto, em época de provas e testes de leitura, superei as expectativas e consegui bons resultados, tal era o meu interesse. Percebendo tudo isso, o professor chamou minha mãe e disse que eu estava aprovada para a segunda série. São reminiscências da infância que, apesar de todas as dificuldades, foi feliz.

Foi então que minha família decidiu mudar-se para a cidade em busca de melhores condições de vida. Meus pais sonhavam para os filhos uma vida melhor do que a deles, pois trabalhavam na lavoura, onde nem proprietários eram. A

terra era trabalhada, arada, “de meia”, muitas vezes de “terça”, que significa que o pouco que se ganhava era apenas para a subsistência da família e o lucro maior era destinado ao proprietário da terra.

A crença de que a educação para os filhos era a única herança que poderiam deixar e que o conhecimento jamais poderia ser tirado, fez com que a cidade grande fosse uma alternativa para, via escola, preparar os filhos para uma vida melhor, visto que, na localidade, havia somente o primário.

Minha família fez parte, então, do que se chama êxodo rural. Veio para a cidade em busca de melhores condições de vida, uma vez que, além de emprego, ela oferecia a chance de realizar o sonho maior: ver os filhos concluindo os estudos. Estávamos então, no ano de 1974, época em que o Brasil crescia, sendo chamado de *Brasil potência, celeiro do mundo*.

A vida mudou em todos os sentidos. Novos horizontes surgiram. Adaptações se fizeram necessárias. A cidade oferecia oportunidades, e a minha família não estava disposta a desperdiçar a chance que a vida apresentava. Mas a luta diária não era fácil.

A expectativa se sobressaía ao medo do novo. Estava mais próxima da realização de meus sonhos, que era dar continuidade aos estudos e um dia estar dentro de uma sala-de-aula como educadora. Para mim, era encantador ver e ouvir a professora, porque através de sua figura eu me transportava para um mundo novo; diante de meus olhos de criança, se descortinava uma realidade fascinante.

Concluí a 4ª série na Escola Estadual Marechal Lima e Silva. Em 1975, aos 10 anos de idade, fui para a escola Brum de Azeredo onde permaneci durante um ano. Em seguida, consegui uma bolsa de estudos para cursar a 6ª, 7ª e 8ª séries do primeiro grau no Educandário Nossa Senhora de Lourdes. Apesar de estarmos a alguns anos na cidade, as dificuldades financeiras se faziam sentir, mas com enorme esforço de toda a família, consegui concluir o 2º grau, agora na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes. Mas os obstáculos acentuavam-se,

fazendo com que o sonho de chegar à Universidade fosse adiado por mais de quinze anos. Mesmo assim, jamais desisti.

Faço uma pausa na vida escolar; longa demais para contá-la em detalhes.

Em 1983, após concluir uma etapa escolar, ingressei no mercado de trabalho como comerciária, onde permaneci durante quinze anos.

Em 1998, uma forte crise econômica atingiu o setor de serviços na cidade e a falência da firma foi inevitável. Apesar do pânico de estar desempregada, veio à tona a possibilidade de retomar os estudos; nada seria fácil. Mesmo sem trabalho e, portanto, sem condições de pagar um curso preparatório para o vestibular, nada foi suficientemente desestimulante naquele momento. Descobri o Curso Preparatório Desafio, mantido por alunos da Universidade Federal de Pelotas, me preparei e consegui uma vaga.

Ao retomar os estudos, após quinze anos, percebi as mudanças ocorridas na área da educação, principalmente na relativização do caráter tradicional da pedagogia utilizada pelos professores. Lembro-me de que antes os docentes eram a autoridade máxima dentro da sala de aula, e a nós, alunos, não nos era permitido sequer opinar ou sugerir. Às vezes era autorizado perguntar algo. Mas eu não estranhava, pois essa autoridade era uma extensão da relação de casa, em que a autoridade máxima era o pai: a ele e aos professores devíamos apenas respeito.

A formação acadêmica do aluno de Licenciatura Plena em Geografia exige uma Prática de Ensino que deve ser realizada através de estágio. Realizei-o na Escola Estadual de Ensino Médio Areal, onde tive a oportunidade de colocar em prática o conhecimento adquirido ao longo desses quatro anos de vida acadêmica. No estágio, pude trabalhar o conteúdo a partir da realidade do aluno, incentivando-o a buscar novos conhecimentos. Embora em um curto período de tempo, procurei propor uma interação entre o conteúdo programático e a realidade dos educandos para que eles tivessem condições de formular uma visão crítica do mundo e, se possível, transformá-lo.

Outra oportunidade de colocar meu aprendizado em prática foi no Curso Pré-Vestibular Desafio, em que me deparei com uma realidade diferente da vivenciada no estágio, visto que ali os alunos já possuíam uma visão crítica mais acentuada, talvez por serem pessoas mais experientes por já terem atravessado uma trajetória escolar e que, como eu, tinham o objetivo de ingressar na Universidade.

Para que eu pudesse concluir o curso de Licenciatura Plena em Geografia, realizei uma pesquisa intitulada: “Produção Familiar e Cooperativismo: o Caso da Cooperativa dos Pequenos Agricultores e Produtores de Leite – COOPAL – Canguçu/RS”. O tema faz referência ao surgimento da Cooperativa e aborda a exclusão dos pequenos produtores familiares de leite da cooperativa dominante. A referida cooperativa localiza-se no sub-distrito de Posto Branco, pertencente ao Município de Canguçu.

Em minha Especialização, no núcleo de interesse Educação Popular, o tema foi aprofundado no artigo “COOPAL: O Associativismo Rural como Meio de Inclusão dos Produtores Familiares de Leite”, que teve como objetivo responder questões que relacionavam a instalação da COOPAL à diminuição da evasão escolar; a participação dos produtores na cooperativa ao nível de vida do grupo familiar e outros. O enfoque principal esteve na influência da cooperativa na auto-estima das pessoas e nas mudanças percebidas pelos cooperados.

O começo da minha realização profissional veio em maio do ano de 2004, quando, prestei concurso e, através de um telefonema da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Canguçu, fui nomeada, para exercer o cargo efetivo de Professora do Ensino Fundamental Etapas Finais, Geografia.

Quando comecei a analisar minha prática de ensino como educadora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmã Maria Firmina Simon, percebi que, a cada dia, surgiam situações novas. E, o mais fantástico, foi descobrir, diariamente, que não existe ensinar sem aprender. O ato de educar, portanto, não é uma transferência mecânica de conhecimento, mas sim uma constante troca que beneficia ambas as partes.

2 – METODOLOGIA DA PESQUISA

A principal razão da escolha do tema deve-se ao fato de eu ser filha de pequenos produtores rurais e por ser natural do município de Canguçu, como já exposto anteriormente. Outro fator relevante na escolha foi o trabalho de pesquisa científica prévia, que desenvolvi, no curso de Licenciatura Plena em Geografia, concluído no ano de 2003, no qual explorei o tema relativo ao surgimento da COOPAL e as relações com a fixação do pequeno produtor rural no campo. Este tema foi aprofundado em forma de Artigo, quando da Especialização, no Núcleo de Educação Popular, concluído em 2004, onde o enfoque principal foi a influência da cooperativa na auto-estima e quais as mudanças percebidas pelos cooperados. A temática abordada até então, também faz referência à exclusão dos pequenos produtores familiares de leite, da Cooperativa dominante.

À época das referidas pesquisas, já foi possível visualizar questões inquietantes, mas a preocupação era apenas curiosa. Não conseguia perceber naqueles trabalhos, uma perspectiva efetiva da ação de enfrentamento da questão. No mestrado, passei a perceber que a pesquisa precisa se consolidar numa ação colaborativa com as pessoas da escola e da comunidade, no sentido de construir ações efetivas de integração e enraizamento da escola no seu entorno.

Esta perspectiva guiou as tomadas de decisão face às contingências de trabalho e condição de pesquisa durante todo o curso. Inclusive é essa mesma orientação de aproximação solidária que pautou as nuances diferenciadas que aparecem neste trabalho final, tal como a mudança do eixo inicial da cooperativa para a escola e as famílias dos colonos.

Como metodologia, adotei a postura de trabalhar com os alunos de maneira integrada, pois o saber deles é tão qualificado quanto o meu para entender a realidade local.

Como procedimentos metodológicos adotei os seguintes passos:

- visita à escola;
- apresentação da proposta de pesquisa aos alunos;
- visita à comunidade;
- trabalho em sala de aula com os alunos;
- retorno para a finalização do trabalho.

A coleta de dados se deu através de entrevista com os colonos e também através de questionário e produção textual dos alunos.

A metodologia da pesquisa está fundamentada em autores como Paulo Freire, Fábio da Purificação de Bastos, Claiton José Grabauska, Carlos Rodrigues Brandão, Orlando Fals Borda, Gomercindo Ghiggi, Giancarla Salamoni, José Fernando Kieling e outros, que levam a sério a importância dos sujeitos na elaboração do conhecimento e da ciência na constituição de novas abrangências de percepções dos problemas das pessoas.

2.1 – OBJETO E OBJETIVOS

É importante explicitar que o objetivo principal deste trabalho foi e está sendo, na sua permanência, organizar uma ação que incorpore os problemas discutidos e as experiências desenvolvidas na comunidade e pelos colonos, como

as que vêm ocorrendo através da COOPAL, nas preocupações e no âmbito do conhecimento escolar.

Nesta perspectiva, pretendíamos verificar as atividades pedagógicas na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó em suas relações com a COOPAL e comunidade, e as ações da COOPAL que estabelecem parceria com a Escola para, em colaboração com professores, pais e alunos do Ensino Fundamental e outros colonos da cooperativa, organizar um projeto de ensino em que os conhecimentos da Escola tomassem por objeto as demandas locais, como as que se apresentam nas discussões dos colonos na COOPAL. Em segundo lugar, queríamos aproveitar a oportunidade para buscar referências na Geografia, na História e nas Ciências Sociais Rurais que ampliassem e qualificassem as análises dos problemas compartilhados.

Víamos, neste projeto, a possibilidade de discutir as questões históricas atuais da comunidade, problematizando o conhecimento da Escola e da própria comunidade e construindo, com os sujeitos do projeto, referências de análise que qualificassem a percepção de realidade. Temos claro, nesse sentido, que o conhecimento da Escola pode se tornar importante, desde que se enraíze em problemas históricos e utilize as referências das áreas de conhecimento, com o intuito de conceituar a realidade a partir de seu entorno.

Os conhecimentos das pessoas do lugar são muito próximos às questões históricas que limitam a ação das pessoas e, por isso, são imprescindíveis. Sua contingência – mérito e limite simultaneamente – pode ser problematizada com referências das Ciências do Currículo escolar.

A superação dos limites de um e outro lado, da comunidade e da escola, requer ações concretas de enfrentamento de problemas que, apesar do conhecimento escolar e do senso comum qualificado das pessoas da comunidade, permanecem desafiando os sujeitos que os constituem e sofrem.

Nessa direção, o foco das ações investigativas esteve centrado numa estratégia que se considerou a mais acertada para colocar em questão os problemas e as relações sociais da comunidade. No entanto, não mantivemos

esse foco. Pelo contrário, ele se tornou uma das condições de desvio das atividades enquanto não percebemos que poucos familiares de alunos eram associados à COOPAL. Redirecionamos a atividade para um processo mais colaborativo com professores e alunos da escola e, com um projeto iniciado com um grupo de alunos e de professores, conseguimos um movimento de aproximação com a comunidade.

Buscamos conhecer atividades da escola em relação à COOPAL e à comunidade; vimos, então, a pouca inserção dos colonos na cooperativa e vice-versa. Na escola, estranhamos a não tematização das práticas da comunidade nos programas de ensino e, especificamente, a ausência da COOPAL, apesar de terem estabelecido várias parcerias.

Planejamos e realizamos, com as pessoas da escola, um projeto de investigação-ação na disciplina de Geografia. Tal projeto pretendia:

- tomar como objeto de conhecimento das disciplinas mediadas pela discussão dos colonos e da COOPAL;
- buscar referências na Geografia, História e Ciências Sociais Rurais para qualificar análises.

Era uma aposta para:

- discutir problemas históricos atuais;
- problematizar o conhecimento escolar que perde o contato com a realidade local;
- problematizar o conhecimento da comunidade trazendo novas referências teóricas para aprofundar a análise.

Cabe destacar que a construção desse saber torna-se relevante no processo de uma ampla discussão sobre currículo em escolas rurais e possíveis formas de organização de uma escola rural. Neste sentido Grabauska (2001, p.19) diz que:

É esta investigação que pode garantir o desenvolvimento dos empreendimentos curriculares. Isto porque o que está escrito (a grade curricular) não é, necessariamente, o que vai se materializar nas práticas educativas. Os professores, em geral, carregam consigo crenças, ideologias, sistemas de valores que, ao interagirem com o que está explícito no currículo, modificam as intenções deste. Ao investigarem suas práticas, os professores podem explicitar o que se encontra “escondido” – no que se refere à ideologia, aos valores, às concepções de educação, sociedade, ciência; desta forma podem, intencionalmente, por meio de mudanças nos currículos, modificar tais concepções e, por extensão, contribuir para transformar a sociedade. (GRABAUSKA e DE BASTOS, 2001, p.19).

2.2 - DECISÕES QUE CONSTITUÍRAM A PESQUISA (RELATO DE TRAJETÓRIA)

A localização da Escola Dr. Carlos Meskó – situada a aproximadamente 8 km da COOPAL, foco inicial e primordial da pesquisa – foi fator determinante para a escolha da mesma.

Também, a participação da Escola em projetos como, por exemplo, o Educampo¹, foi significativa para a determinação do local da pesquisa. Percebe-se assim que a escola demonstra receptividade e abertura a trabalhos e pesquisas que possam vir a contribuir para inovações pedagógicas, o que vem ao encontro dos objetivos desta investigação.

Esta pesquisa vem sendo realizada através de decisões contingentes, que, no conjunto, seguem e configuram um projeto viável. Dados foram sendo compilados em diários de campo: foram feitas visitas à escola Dr. Carlos Meskó, no intuito de viabilizar a mesma e, com a parceria de professores e alunos, organizamos uma amostra da possibilidade de uma investigação educacional. Embora com objetivos diferentes do projeto a parceria da colega Carla Simone B. Rodrigues foi decisiva nas etapas iniciais.

¹ Projeto realizado em escolas rurais, coordenado pela Doutoranda Rosa Elane Antória Lucas, que tem por objetivo proporcionar às comunidades escolares vivências que despertem a valorização do trabalho do campo.

A organização de uma atividade de investigação teve por objetivo aproximar toda essa experiência dos colonos do entorno da Escola Dr. Carlos Meskó com os processos de ensino e formação humana desenvolvidos pela comunidade escolar.

Ao propor e planejar um projeto de investigação com o apoio e o envolvimento de professores, alunos e comunidade, o projeto procurou considerar várias dimensões da realidade, dando importância à heterogeneidade das ações e da complexidade das relações que os sujeitos do local estabelecem. Tencionava trazer à tona e à discussão as diferentes dimensões da cultura do povo, com o intuito de compreender suas tradições, festas, religiões, crenças, lugares históricos, músicas, danças, alimentação, etc.

Não perdemos de vista a importância de os estudantes vivenciarem a pesquisa e o enfrentamento de questões históricas a partir do local. Eles potencializam o ensino-aprendizagem através de uma construção coletiva e colaborativa onde o educador desenvolva os conteúdos programáticos, permitindo que o aluno relacione o seu conhecimento e a sua experiência cotidiana e familiar, de forma a dar sentido e significado ao aprendizado, valorizando a criatividade, a afetividade, as habilidades intelectuais e fazendo a ponte entre a teoria e prática. Só deste modo é possível promover o aperfeiçoamento do ensino e formar um aluno crítico e ético preparando-o para a vida e para o exercício da cidadania.

Essa vivência e interação da escola com a comunidade têm em vista possibilitar aos educandos agir sobre dados e fatos históricos relacionados à realidade local, criando estratégias de participação, e construção cultural.

O movimento, na sua abrangência e permanência, pode criar uma estrutura que legitime os conhecimentos históricos a partir da comunidade local como constituintes centrais do currículo escolar.

3 - SITUANDO O LEITOR NO CONTEXTO DA PESQUISA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL RIO-GRANDENSE

O Rio Grande do Sul é tradicionalmente um Estado voltado para o meio agrário. Sua história econômica, apenas há uma década conseguiu emparelhar os setores primário e secundário, até então sob amplo domínio do primeiro.

A pecuária, com o gado introduzido pelos jesuítas, e a agricultura, fortalecida em definitivo pelos imigrantes, estruturaram o espaço rio-grandense numa divisão dualista. Segundo Waibel, “O colono era a antítese dos gaúchos das campinas: era o homem da floresta, o agricultor isolado com técnicas ainda predatórias, o pequeno proprietário”. (WAIBEL apud MOREIRA e COSTA, 1976, p.72)

Encontra-se o contraste do espaço latifundiário, concentrado na região da fronteira, e o espaço das pequenas propriedades, no planalto e em suas encostas. Os minifúndios, mais numerosos, mas com menor área em relação ao espaço latifundiário, tiveram origem na partilha imposta pelo governo imperial, quando da criação das colônias:

[...] com a migração e o fracionamento por sucessão hereditária, esses minifúndios tornaram-se ainda menores, havendo áreas, hoje, com propriedades agrícolas em torno de 5 ha, dimensão incapaz para o sustento de uma família que utilize métodos tradicionais. (MOREIRA e COSTA, 1976, p. 72).

A queda da produtividade está diretamente ligada à dimensão da propriedade, já que esta inviabiliza a necessária capitalização do agricultor,

condição imprescindível para a aplicação de métodos mais produtivos. Coloca-se, assim, na estrutura fundiária gaúcha, profunda desigualdade na distribuição da terra: *“ao lado de minifúndios excessivamente explorados, grandes propriedades subaproveitadas”*. (MOREIRA e COSTA, 1976, p.74)

A empresa rural encontra-se em franca expansão, o que se explica pela política econômica voltada para a exportação, visando a obtenção de capitais para suprir as importações de bens mais sofisticados, especialmente do Sudeste.

Requisitando mecanização e conseqüentemente maior capital, o trigo acabou por incentivar juntamente com a soja, numa etapa mais recente, uma nova unidade de produção, a empresa rural, que fora anteriormente iniciada com a lavoura de arroz. (MOREIRA e COSTA, 1976, p.77)

Excluído desse processo, pela dificuldade de acesso ao crédito para obtenção de máquinas e pela escassez da terra, o colono teve como saídas o êxodo rural, a migração para novas fronteiras agrícolas ou a venda de sua mão-de-obra aos grandes agricultores.

Produtos tipicamente coloniais e de subsistência, como mandioca, batata e feijão, têm tido pequena participação na produção primária do Estado. *“Na chamada ‘agropecuária colonial’, merecem destaque a produção de laticínios e de ovos, a avicultura e suínocultura, responsáveis, em conjunto, por mais de 10% do produto primário estadual.”* (MOREIRA e COSTA, 1976, p. 81)

O setor de aves tem-se expandido muito com a intensificação dos métodos de produção e diante da possibilidade de comercialização. O Setor laticinista também apresenta condições de direcionar-se ao mercado externo.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU E DA LOCALIDADE DO IGUATEMI

O município de Canguçu localiza-se na região denominada Serra do Sudeste, no escudo granítico rio-grandense, situando-se entre a latitude de 31⁰

23°35'5" e a longitude 52° 40' 35"0, com uma altitude de 420 metros, tomando por referência a sede do município.

Canguçu limita-se ao Norte com Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador e Cristal. Ao Leste, faz divisa com São Lourenço do Sul, Pelotas e Morro Redondo e, a Oeste, seu limite é o município de Piratini.

Segundo Simch,

A Br 392, que liga os municípios de Pelotas e Santa Maria, corta o município de Canguçu, sendo esta rodovia de grande importância para a economia de Canguçu, pois por elas passam boa parte dos produtos, principalmente soja, produzidos nas regiões da Missões, Planalto Médio Encosta da Serra, com destino ao porto de Rio Grande. (SIMCH, 2002, p.102)

O município de Canguçu possui cerca de 5000 km de estradas vicinais, sendo que 250 km correspondem a estradas intermunicipais que ligam a sede do município à Morro Redondo, São Lourenço do Sul e Piratini, e o restante correspondem a estradas de acesso às 120 localidades que compõem os cinco distritos em que se divide o município. Já a localidade do Iguatemi fica a aproximadamente 25 km da sede município onde foi realizada a pesquisa.

3.3 – COOPERATIVA E ESCOLA RURAL

A estratégia de ação camponesa, através da criação de uma instituição como a COOPAL, traz à tona, a discussão dos problemas do mundo rural, que não são exclusivos de Canguçu, mas afetam todos os colonos da região.

A definição desta estratégia articula vários grupos de colonos que, com conhecimento mais qualificado das suas contingências, sustentam o projeto cooperativo e tornam-se uma referência na busca de políticas próprias não subordinadas às estratégias empresariais.

Nesse sentido, a visualização da cooperativa é privilegiado ponto de partida de análise dos processos econômico-políticos dos colonos da região. E isso é importante referência para a construção curricular das escolas do campo.

A conjuntura no campo continua marcada pela violência, fruto não só das forças do atraso de uma oligarquia rural que consiste em fazer da terra concentrada privilégio e poder político, mas também do resultado de uma modernização capitalista concentrada que exclui os trabalhadores do campo. Mas, se a violência rural continua a mesma, está mudando a posição dos violentados. Da posição de meros espectadores, trabalhadores rurais passam a protagonizar ações. Tomando consciência da situação e dos direitos que lhes são negados, não aceitam continuar sendo vítimas desse processo de exclusão. Dessa resistência nasce a organização em torno de lutas concretas por terra, crédito, tecnologia, saúde, educação, justiça, etc.

Além disso, os cooperados começaram a sentir necessidade de ver seus filhos darem continuidade aos estudos, pois a participação nas reuniões criou uma nova cultura nas relações cotidianas da família. Houve melhora na auto-estima, na qualidade de vida e qualificação a partir dos cursos que envolvem as novas tecnologias nas discussões dos empreendimentos.

Todo este processo veio colaborar com a vontade dos agricultores familiares de permanecerem no campo, pois eles compreendem que a vinda para a cidade lhes oferece apenas empregos informais e moradias nas periferias distantes do centro.

Com a ajuda do projeto pedagógico e das conversas mantidas com os professores da escola, o contexto da Escola Carlos Meskó mostra que a trajetória da instituição fortalece uma dinâmica que tenta a aproximação da comunidade e especificamente da COOPAL.

3.4 - FORMAÇÃO DA COOPAL: UM EXEMPLO DE ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DOS PRODUTORES FAMILIARES DE CANGUÇU

Nas últimas décadas, a agricultura familiar tem se mantido na agenda política e no cenário das lutas sociais do campo graças à intensa mobilização social dos setores excluídos do acesso à terra. Chegando o novo século, estas questões ganham um significado teórico e político, uma vez que abrem perspectivas para a construção de propostas concretas que venham a superar os graves problemas decorrentes da imensa exclusão e miséria social no campo brasileiro.

O papel das associações voluntárias na mudança social e na estratégia do desenvolvimento tem se revelado de grande importância. Daí o interesse, dedicado ao estudo do papel das cooperativas no desenvolvimento rural, pois elas são um tipo de associação voluntária sem o qual o desenvolvimento rural é hoje muito difícil.

Não resta dúvida sobre a importância e a eficiência das cooperativas na modernização das estruturas econômicas e sociais dos países em desenvolvimento, visto que representam um espaço privilegiado de exercício da cidadania. O limite das cooperativas tem sido o caráter burocrático e não participativo de seu funcionamento, apesar de sua origem. Além disso, a ideologia que sustenta a forma mais oficiosa de cooperativa é de cunho elitista e autoritário. Bem ao contrário da perspectiva participativa e democrática buscada pelos movimentos sociais mais enraizados no pensamento e na vida dos próprios colonos. Esses movimentos seguem o que foi colocado por Paulo Freire já nos anos sessenta, concomitantemente ao apogeu de muitos dos movimentos sociais mais radicais, a saber:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui. (FREIRE:1998: p.87)

O tema aqui abordado trata de um processo que está sendo intensamente vivido pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias em seu cotidiano. São debates em diferentes espaços, não só sociais, como políticos e, também, econômicos, buscando soluções e alternativas, mesmo confrontando diversos posicionamentos e criando divergências.

Esta questão interroga, também, sobre a realidade que está sendo construída e que demanda transformações macro-sociais, exigindo muitas vezes atitudes pessoais.

No âmbito da sociedade global as formas sociais do espaço e do tempo modificam-se e multiplicam-se. Dado que a globalização articula, tenciona e dinamiza configurações sociais locais, nacionais, regionais, internacionais e transnacionais, multiplicam-se as possibilidades do espaço e do tempo. Freire nos faz compreender estas questões quando explicita a diferença entre humano e animal nas respectivas vivências. Já mais conclusivamente diz:

O mundo humano, que é histórico, se faz, para o “ser fechado em si”, mero *suporte*. Seu contorno não lhe é *problemático*, mas *estimulante*. Sua vida não é um correr riscos, uma vez que não os sabe correndo. Estes, porque não são desafios perceptíveis reflexivamente, mas puramente “notados” pelos sinais que os apontam, não exigem respostas que impliquem ações decisórias. O animal por isto mesmo, não pode comprometer-se. Sua condição de a-histórico não lhe permite assumir a vida, e, porque não a assume, não pode construí-la. E, se não constrói, não pode transformar o seu contorno. Não pode, tampouco, saber-se destruído em vida, pois não consegue alongar seu *suporte*, onde ela se dá, em um mundo significativo e simbólico, o mundo compreensivo e simbólico, o mundo compreensivo da cultura e da história. (FREIRE:1998: p.89)

No dia 19 de maio de 1999, dava-se início a um novo sistema de cooperativismo em Canguçu, decorrente dessa ebulição de pensamento e ação dos colonos, reagindo às injunções neoliberais que os atropelava. Buscou ser um cooperativismo que primasse pela inclusão social do pequeno produtor, numa visão voltada para a autogestão. Era fundada a COOPAL, tendo em seu quadro de fundadores 223 pequenos agricultores que buscavam uma alternativa para permanecerem no campo com dignidade. Assumiam, nas contingências do seu dia-a-dia, sua capacidade de pensar os problemas e buscar-lhes solução, ao

embalo da perspectiva emancipatória sonhada por Freire no exílio, o qual expressa em seu texto clássico:

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. (FREIRE:1998: p.89):

Essa cooperativa tem uma especificidade que a diferencia das demais: sua função é atender aos pequenos agricultores que não se enquadram nas normas de outras cooperativas e empresas, que estabelecem critérios mínimos de produção para poderem ser aceitos e fazerem parte da racionalidade destas formas empresariais de gestão. Essa motivação permite que a COOPAL venha conseguindo melhorar a qualidade de vida do homem do campo através de programas de incentivo, proporcionando convênios com o comércio local.

A COOPAL também investe na qualificação dos associados, já que está ciente de que o conhecimento é o elemento chave para o sucesso do cooperado e, conseqüentemente, o bem estar de sua família. Esta qualificação é verificada nos diversos cursos proporcionados pela entidade.

A entrevistada E – contatada nos trabalhos que viemos fazendo para a elaboração de nossos trabalhos de graduação, especialização e mestrado - comprova em seu relato: *Fui a Montenegro, passei um mês lá, fazendo um curso de laticínios, esse curso foi a COOPAL que conseguiu pra gente, isso qualifica nosso trabalho aqui na COOPAL.* (Informação verbal da entrevistada E, 2004).

Facilitar a extensão e a prestação de serviços aos agricultores, particularmente àqueles que tem menos acesso às fontes de tecnologia, é um dos propósitos básicos da política da cooperativa. Conforme o que disse o entrevistado C:

Temos acesso à tecnologia sim, a cooperativa tem um técnico à disposição dos associados. Também tem parceria com as

universidades, engenheiros agrônomos, administração de empresas, veterinários, químicos, tudo isso tá a nossa disposição. (Informação verbal do entrevistado C, 2004).

A idéia de mudança social, as transformações que aparecem na vida de cada produtor familiar participante da cooperativa, pode ser verificada na fala do entrevistado D quando diz: *“A cooperativa abriu novos horizontes, valorizando mais a permanência, como uma válvula de escape, seria mais uma opção, tornando mais viável a permanência”*. (Informação verbal do entrevistado D, 2004).

Esses colonos, nos seus enfrentamentos, redescobrem a necessária radicalidade do conhecimento e do crescimento intelectual, algo tão bem colocado por Freire em sua obra de síntese:

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a servo do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. (FREIRE, 1999: p.147)

Nesse sentido, a COOPAL, localizada no distrito de Posto Branco, município de Canguçu, constitui-se como instrumento viabilizador para os pobres do campo, proporcionando melhores condições de vida para toda a família cooperada e, permitindo assim, a sua permanência no campo. Desta forma possibilita a manutenção dos filhos dos colonos na escola e, futuramente, a continuidade dos estudos na Universidade. Além disso, a cooperativa promove a inserção dos produtores, que foram anteriormente excluídos pelo processo de modernização da agricultura, no contexto produtivo regional.

Segundo o entrevistado A:

Lá em casa somos cinco filhos, quatro estamos formados no segundo grau em técnico agrícola, a gente pensa em fazer a faculdade, voltar e ajudar a desenvolver alguma coisa em casa, com a família. A cooperativa ampliando as instalações deverá contratar mão-de-obra mais qualificada. Também, por isso que nós pensamos em fazer uma faculdade. (Informação verbal do entrevistado A, 2004).

Assim, a COOPAL além de articular a produção leiteira dos pequenos produtores rurais em Canguçu, também possibilita efetiva melhoria nas condições de vida de seus associados, no despertar de uma consciência cidadã aliada a uma educação formal qualitativa.

De acordo com o entrevistado F:

Houve alteração na auto-estima, porque ao participar das reuniões, os itens, os assuntos em geral discutidos lá, também são discutidos em casa, então nós temos que ter argumentação na hora de dar nossa opinião, a gente quer que a nossa argumentação prevaleça, prá isso a gente tem que tá bem consciente do que acontece na nossa volta. (Informação verbal do entrevistado E, 2004).

Dessa forma, essa cooperativa de pequenos agricultores luta e atua no campo, buscando garantir o fortalecimento da solidariedade, a permanência no campo e a produção de alimentos para sua subsistência. Eles, enfrentando os problemas que afetavam sua forma econômica de vida, alcançam dimensões muito mais radicais do ser humano. Alcançam uma totalidade percebida e exposta por Freire já nos anos sessenta quando enfatiza:

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções. (FREIRE; 1998:92).

Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais.

O estímulo que a COOPAL dá a seus associados, se verifica na obtenção de créditos acessíveis, assistência técnica, preços justos e garantia de comercialização. Como ratifica o entrevistado A: *A união dos associados é que facilita a obtenção de crédito, sozinho a gente não conseguiria.* (Informação verbal do entrevistado A, 2004)

Nos últimos anos, a evolução genética tem ajudado o produtor de leite a alcançar rebanhos mais produtivos. Nesse sentido, a COOPAL está comprometida com a melhoria do rebanho buscando acompanhar a mesma. Nesta perspectiva o entrevistado B nos brinda dizendo que:

A cooperativa tem banco de sêmen que tá disponível aos associados em toda a região, isso ajuda a gente a melhorar o rebanho. A inseminação artificial, cursos de especialização do leite. A gente tem acesso a essas coisas através da cooperativa. (Informação verbal do entrevistado B, 2004)

Assim, acreditamos que os pequenos produtores, através da cooperativa, estão construindo um espaço de produção de conhecimentos que vêm dar conta de suas demandas cotidianas e qualificar a produção.

3.5 – IDENTIFICANDO O CONTEXTO DA ESCOLA

A Escola Estadual de 1º Grau Dr. Carlos Meskó foi fundada em 24 de maio de 1962, na localidade de Florida, sendo então denominada Escola Rural Coxilha dos Teixeiras. Em agosto de 1970, passou a funcionar no Iguatemi. Em 1972, a Escola passou a denominar-se Escola Rural Dr. Carlos Meskó, em homenagem ao Dr. Carlos Meskó, que atuava como médico nesta localidade.

No ano de 1973, a Escola ganhou o terreno onde estão construídas as atuais instalações. Em 1977, foram implantadas as 7ª e 8ª séries. Em julho do ano 2000, foi inaugurada a ampliação do prédio da Escola para a implantação do Ensino Médio e, só em 05 de janeiro de 2001 a Escola foi transformada em Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó.

Convém destacar que no Projeto Pedagógico da Escola (ver anexo 1) ela se propõe a estar *“voltada para a construção de uma sociedade comprometida, através de uma escola atuante que desenvolva o conhecimento, a integração e a formação da cidadania, despertando a participação, responsabilidade, promovendo a transformação social.”*

Além disso, tem por objetivo geral *“a construção do conhecimento, a participação social através de parceria, a valorização da integração à sua realização e a busca de uma sociedade baseada na democracia, na igualdade e na justiça.”*

Essa declaração de intenções problematiza os professores e direção da escola, face às dificuldades para a sua efetivação.

Avançamos um pouco a descrição que consta no Projeto Político Pedagógico. *A localidade do Iguatemi, uma região de coxilhas, com um clima ameno, onde a maioria dos moradores vive da agricultura, produzindo principalmente fumo, mas também soja, milho, feijão, batata.* Verifica-se ainda no Projeto Político Pedagógico *“que algumas famílias dedicam-se também à criação de animais, utilizados em subsistência (carne, leite, ovos), e também à produção de leite comercializada na COSULATI e na COOPAL”* e que a população da localidade é composta por *brancos, predominando a colonização alemã, mestiços e alguns negros* e, que as opções de lazer desta comunidade são as *“festas beneficentes em igrejas e escolas, torneios esportivos, visita aos parentes, jogos de cartas e, para os jovens, os bailes sábados à noite.*

Há uma grande preocupação da Escola, pois apesar de não verificar graves problemas de indisciplina, nota um *“grande desinteresse e desmotivação por parte dos alunos, o que nos leva a constatar que a prática pedagógica necessita ser aprimorada, bem como deve haver uma reformulação do currículo, buscando incrementá-lo com conteúdos ligados à realidade do aluno e da localidade.*

A participação das famílias na escola ainda é pouca, apesar dos esforços dos professores, *“os pais não procuram a escola para acompanhar efetivamente a vida escolar dos filhos e também não participam efetivamente das reuniões e demais atividades realizadas pela escola.*

Os alunos pertencentes ao educandário Dr. Carlos Meskó, em sua grande maioria, são filhos de pequenos agricultores, onde prevalece a pequena propriedade, e nela residem, normalmente, além dos pais e irmãos, também os avós, que são bem vindos, pois contribuem com a aposentadoria para aumentar a receita.

Predomina a religião Luterana, *“que perpassa, um pouco por tradição, de geração em geração, e que aproxima as pessoas da comunidade, sendo uma das poucas formas de integração”*.

A perspectiva de educação da escola – expressa no Projeto Político Pedagógico – não difere, em linhas gerais, do que se vê idealmente colocado na maioria dos Projetos Políticos Pedagógicos de escolas, independente de sua localização e de suas ações. O que diferencia a Escola Dr. Carlos Meskó é que os professores se esforçam por conseguir e se angustiam quando não conseguem o enraizamento local, a formação crítica, solidária, colaborativa e cidadã dos alunos (conferir em Perspectiva de Educação na Escola, no Projeto Político Pedagógico).

Vários itens abordados no Projeto Político Pedagógico são verificados na fala da professora, como pode ser observado no anexo 2.

4 – AGRICULTURA FAMILIAR: CONTEXTUALIZANDO O PEQUENO PRODUTOR NA LOCALIDADE DO IGUATEMI

A propriedade familiar é, segundo Scaglione, *“entendida como unidade produtiva, explorada economicamente por um grupo familiar e que propicia, aos seus membros, trabalho digno, capaz de prover a reprodução dos mesmos como produtores familiares.”*(SCAGLIONE, 2002, p.19). Este tipo de agricultura se define pela presença do produtor rural que possui uma propriedade e cultiva a terra para obtenção de produtos que garantam a sua sobrevivência e a de sua família.

O grupo familiar, normalmente, é constituído pelo pai e demais membros, como a esposa e os filhos, além do pai ou da mãe de um dos membros do casal principal. Também é comum a presença do trabalho de agregados, ligados ou não por laços sangüíneos, dada pela necessidade que o produtor possui de explorar suas terras. Contando com mão-de-obra complementar, *“no seio do grupo doméstico, encontramos, às vezes, indivíduos não ligados pelo sangue. Mas todos vivem juntos e são subordinados ao chefe da família”*. (SALAMONI, apud SCAGLIONI, 2002, p.20)

É importante salientar que o trabalho feminino é duplamente explorado, não aparecendo nas estatísticas sobre agricultura familiar. Nesse sentido, Pereira diz que:

No caso das mulheres, elas são duplamente exploradas, pois além de trabalhar na lavoura ainda desempenham atividades domésticas. O serviço feminino não aparece nas estatísticas sobre o trabalho no campo, sendo considerado como ajuda, não é reconhecido como mão-de-obra. (PEREIRA, 2001, p. 45)

Na família camponesa, em sua constituição, as crianças não trabalham, mas consomem, no entanto, à medida que crescem, participam progressivamente das atividades da unidade, adaptando-se conforme o sexo e a idade para

determinadas tarefas, isto para que haja um equilíbrio entre a produção e o consumo, ou seja, entre 'braços e bocas'.

Para Salamoni e Gerardi,

[...] cada família possui uma dinâmica demográfica própria, dada em função do número de membros que a compõem e de suas idades. Esta composição familiar determinará a variação no volume de trabalho e consumo necessário para garantir a sobrevivência da família [...] (SALAMONI e GERARDI, 1992, p.199)

A unidade de produção familiar caracteriza-se pela utilização da força de trabalho dos membros da família, sendo que este não é remunerado, diferentemente da unidade de produção capitalista que objetiva o lucro ou “*a acumulação de capital ao máximo, mesmo que seja necessário a apropriação de trabalho alheio e a destruição da natureza*”. (PEREIRA, 2002, p, 20)

Para garantir as necessidades básicas de sobrevivência, que podem ser tanto necessidades biológicas, como a alimentação e o vestuário, quanto necessidades socialmente impostas, como a compra de bens duráveis ou pagamento de taxas, impostos, etc., é verificada a quantidade de trabalho e consumo de uma determinada família através do número de pessoas que integram a unidade produtiva “[...] *esta composição familiar determinará a variação no volume de trabalho e consumo, necessário para garantir a sobrevivência da família[...]*” (SALAMONI e GERARDI, 1992, p.52)

Além destes fatores, existem outros, como suprimento de mão-de-obra não-remunerada, além da influência de diversos fatos econômicos sobre os processos de renovação e acúmulo de capital.

Porém, qualquer transformação que possa ter havido nas unidades produtivas, mantém o caráter familiar da atividade, que permanece no contexto do setor agrário atual com determinados tipos de trabalho, como o artesanato rural, comércio em feiras, prestação de serviço, etc., que nada mais são do que estratégias internas do grupo familiar para permanecerem como agentes ativos no circuito da economia.

O mais importante deste trabalho é ressaltar que a formação econômica do Rio Grande do Sul teve suas origens num contexto histórico específico e que os produtores familiares estão integrados ao mercado.

No trabalho familiar, geralmente, a mão-de-obra utilizada são os membros que pertencem à própria família, sendo uma característica comum o não recebimento de salário em troca de seus serviços, mas o resultado de seu trabalho é compartilhado por todos os membros, que estejam ou não envolvidos na produção. Alguns, por não possuírem condições físicas para trabalhar, participam apenas no consumo familiar, conforme Salamoni e Gerardi:

“[...] se por um lado é a participação direta dos membros no processo de trabalho que os define como mão-de-obra familiar, por outro lado, o resultado do seu trabalho é compartilhado por todos os membros da família, estejam ou não envolvidos diretamente na produção[...]” (SALAMONI E GERARDI, 1992, p.52)

É possível percebermos que os homens assumem o trabalho mais pesado, trabalhando na lavoura, gerenciando a propriedade, e que, as mulheres, atuam nos serviços mais leves, embora este seja constante, intenso e diversificado. A mulher camponesa exerce várias funções como “[...] *cuidar dos filhos, da casa, da horta, dos animais domésticos, da alimentação* [...]” o trabalho que a mulher dedica às tarefas agrícolas propriamente ditas é considerado apenas como “ajuda”. (SALAMONI E GERARDI, 1992, p. 54). Isto faz com que o trabalho feminino seja desvalorizado, subestimado e não computado na realização de estatísticas.

De acordo com Salamoni e Gerardi,

O grupo familiar é remunerado de acordo com suas necessidades (alimentação, vestuário, saúde, lazer e outros). Nos cálculos econômicos realizados são computadas as despesas como adubos, inseticidas, aquisição e manutenção de maquinário, ou ainda, despesas com mão-de-obra contratada e as relacionadas aos financiamentos bancários. (SALAMONI E GERARDI. 1992, p.58).

Podemos notar que a força de trabalho do produtor rural não é contabilizada e que para vencer todas as dificuldades encontradas os produtores estão adotando atividades de policultura, uma alternativa de sobrevivência das

quais podemos salientar o milho, o feijão, a batata-inglesa e alguns hortifrutigrangeiros, como a cebola e a abóbora.

Associados a estes,

a criação de animais de pequeno porte é de fundamental importância para a economia dessa área, tanto por abastecer a unidade produtiva com carnes e derivados, (leite, queijo, ovos, manteiga, banha e outros), quanto por servir como força de trabalho, uma vez que a tração animal é largamente utilizada nas tarefas agrícolas da unidade familiares, e em contrapartida todos estes produtos visam ao auto consumo gerando também um excedente comercializável. (SALAMONI E GERARDI, 1992, p.60)

Dentro deste contexto, observamos que o produtor familiar reforça a importância de manter a indústria doméstica ativa, pois só a renda de produção comercial não seria suficiente para adquirir todos os produtos necessários ao consumo doméstico, e que apesar do aspecto econômico ser preponderante a questão da qualidade, o sabor e o valor nutritivo são fatores decisivos para a continuidade da industrialização caseira de muitos produtos. Conforme Salamoni e Gerardi:

[...] o produtor familiar considera mais econômico beneficiar os produtos na própria unidade produtiva, uma vez que dispõe, desde a matéria-prima e os instrumentos até a mão-de-obra, isentando-se da maior parte dos itens que implicam custos monetários. (SALAMONI E GERARDI, 1992, p.61)

Todo o agricultor tem o mesmo objetivo, o de extrair o máximo de lucro para investir na terra. Já que a produção familiar tem enorme capacidade de adotar novas tecnologias, como tratores, colheitadeiras, ordenhadeiras mecânicas, isso lhe traz um extraordinário aumento na produtividade fazendo disso uma razão para sua sobrevivência.

De acordo com Jean,

A capacidade de adotar inovações ou intensificar a produção são características da propriedade rural familiar moderna que são conseqüências de sua existência em nossas economias agrícolas, e não causas, que, em última análise, explicariam sua sobrevivência, sempre ameaçada na economia capitalista segundo alguns, ou a sua manutenção e até sua consolidação [...] (JEAN, 1994, p.64).

Para compreender estas questões, Kielling propõe uma reflexão dizendo:

A percepção e a explicitação das mediações específicas que impossibilitam reduzir as relações às formas especificamente capitalistas de produção ajudam sobremaneira a construir historicamente uma perspectiva de identidade social, tanto na re-leitura de trajetórias vividas, quanto na articulação de projetos futuros. (KIELING: 2005).

Estas indicações tomam mais peso para nosso trabalho quando assumem a referência direta das relações do campo. Assim, na abrangência da unidade familiar de produção, as inúmeras atividades precisam ser identificadas e entendidas como atividades humanas das pessoas da família e na totalidade própria que imediatamente constituem.

Por serem específicas as formas de inserção dos camponeses na economia capitalista, todas as relações econômicas precisam ser redimensionadas na perspectiva dos colonos, e não reduzidas simples e unilateralmente à visão dos empresários.

No mesmo texto aparece, ao lado da não homogeneização conceitual, a indicação dos conflitos e contradições que historicamente diferenciam e opõem grupos sociais, especialmente a partir do meio rural. Completa Kieling: *“São tensas as relações entre esses grupos, o que lhes imprime uma dinâmica própria, irreduzível a formas mecânicas de correspondência”*.

Segue o autor:

A contradição entre trabalhadores e capitalistas evoca uma referência importante que é intrínseca à atividade das pessoas e relativa à totalidade dos fazeres sociais dos membros de toda a sociedade. Trata-se da referência que propõe discutir a importância própria dos sujeitos pela avaliação da importância relativa de suas ações na constituição da totalidade da sociedade. É aquilo que está implicado na questão do valor social. Essa categoria traz à discussão a possibilidade de compreensão da radicalidade mais profunda do fazer econômico: a dimensão dos sujeitos que fazem acontecer a produção e sem os quais ela deixa de ser. Essa tarefa decorre diretamente de uma asserção ontológica chave na perspectiva dos trabalhadores: a de que a realidade vem sendo constituída efetivamente pela atividade de todas as pessoas. Isso redundando noutra asserção ontológica essencial: a de que a sociedade é fundada no conjunto das atividades humanas das pessoas. (KIELING; 2005)

5 – ENSAIANDO UMA INVESTIGAÇÃO COLABORATIVA COM OS ALUNOS

O ponto em que estamos atualmente e no qual temos que dar um fecho para efeitos da dissertação, mas não do processo da pesquisa, nos mostra a profusão de informações que constituem o senso comum da comunidade. Essas informações nos dão a visão da riqueza da relação educativa que pode se estabelecer numa aproximação entre a Escola e a comunidade. Temos informações sobre a intenção anterior às tomadas de decisão e as contingências com fumo, com produção mercantil ou não do feijão, com produção mercantil ou não de leite entre outros.

Poderíamos, para efeito de aproximação a essa densidade de informações, listarmos, para fins apenas indicativos, temas que se mostram imediatamente presentes nas falas, eles constituem uma espécie de complexo temático das relações da comunidade do Iguatemi.

Soja

Fumo

Leite

Compra na cidade

Atividades complementares à produção mercantil

Atividades mercantis

Não temos tempo agora para problematizar o estado atual da qualificação do senso comum. Em parte, pela interrupção do trabalho que se impõe para conclusão da dissertação. E, como exigências da pesquisa, a problematização

dessas informações devem ser feitas coletivamente com os alunos, pais e alguns professores, enfim, com a comunidade escolar. Mantemos por isso, no decorrer do texto, a transcrição do contexto original das informações coletadas, com algumas interferências, mas procurando respeitar a forma de transposição da linguagem oral para a linguagem escrita.

5.1 - PRIMEIROS CONTATOS NA ESCOLA

A angústia que eu sentia nas primeiras visitas à escola, causadas pela expectativa da receptividade quanto à exposição do meu trabalho de pesquisadora, à direção e aos professores, era sempre suavizada pelas conversas que mantinha com a Carla, minha colega do mestrado, que também faz sua pesquisa na mesma escola. No longo caminho para chegarmos ao educandário, Carla sempre tinha uma palavra amiga, de encorajamento e de ânimo, portanto, por diversas vezes usarei o pronome nós.

Ao chegar à escola, era grande a expectativa, mas fomos muito bem recebidas pela Diretora e pela Coordenadora, que viam nas pesquisas, perspectivas de colaboração para posteriores mudanças nas práticas escolares. Como se pode verificar na fala da Diretora:

Já era proposta do ano passado de estarmos convidando palestrante para virem, então o que tu notares, que se sobressaia, o aspecto, o que seja uma necessidade, que seja um fator mais determinante, uma carência, eu gostaria que estivesses nos passando para podermos estar convidando as pessoas, porque sem a gente ter alguma coisa pensada...porque o teu trabalho direciona exatamente, é específico, para onde a gente pode estar caminhando, encaminhando. Por exemplo, pode aparecer todos usando veneno na lavoura, então dá pra trazer alguém que direciona a palestra para este tema.

Inicialmente pretendia propor aos professores da escola um projeto interdisciplinar abordando questões referentes àquela realidade escolar. As dificuldades fizeram-me adotar outro caminho, pois os professores não residem próximo à escola, trabalham em outros educandários e, portanto, não

disponibilizavam de tempo para reuniões fora do seu período de trabalho. Assim, no início do ano letivo de 2006, foi escolhida uma turma (6ª série) e uma disciplina (Geografia) para a realização do trabalho.

Conversa com a professora. Primeiros contatos com os alunos

O diálogo com a professora de Geografia foi rápido e tranquilizador, pois ela se dispôs a colaborar no que eu precisasse e, assim, fomos à sala de aula. A apresentação foi carinhosa e a educadora solicitou dos alunos toda a colaboração, carinho e atenção para comigo. Ela deixou-nos.

A turma era pequena, de apenas dez alunos. Fiz um círculo com as cadeiras, para que o ambiente ficasse mais acolhedor e comecei a expor o meu trabalho de pesquisa. Perguntei se estavam dispostos a me ajudar. A resposta foi unânime: “Sim, com certeza”. A partir daí, já não estava mais sozinha no campo de pesquisa, tinha comigo dez novos pesquisadores, meus “coleguinhas de trabalho”.

Logo no início, pedi que se apresentassem e que contassem sobre sua vida, na família, na escola, no lazer. Ficaram ariscos. Não compreenderam muito bem o que eu estava pedindo. Expliquei outra vez e comecei a fazer perguntas diretas para que pudessem desenvolver o relato. Qual o teu nome? Tua idade? O que fazes fora da escola?. Quando perceberam que eu queria que eles falassem sobre o que acontecia dentro e fora da escola, então sim, ficaram entusiasmados, todos queriam falar ao mesmo tempo. As informações vinham em profusão. Pedi que um de cada vez se apresentasse. Não mais induzi o relato, deixei a critério de cada um contar o que pensava ser mais relevante, mais importante. Deu muito certo.

A apresentação:

1- Gitane² – mora a 4 ou 5 km. A família possui 23 hectares. Mora com o pai, a mãe e seis irmãos.

Planta fumo.

Milho para consumo.

Leite para a Cosulati.

De 2 em 2 dias com 5 vacas leiteiras entregam 50 litros.

A família possui 23 hectares.

2- Eva – mora a 2 km da escola com o pai, a mãe e duas irmãs.

Pai - trabalha no posto de gasolina e auto-peças.

Mãe - trabalha na lavoura plantando fumo de meia (terra arrendada).

A família tem venda e todos cuidam da mesma.

A terra possui açude.

3- Catiela – 11 anos – mora a 1 km da escola. Tem uma irmã de 15 anos que mora em Canguçu

Pai – caminhoneiro.

Mãe – mini mercado, tem loja em Canguçu com a tia.

Bisavó vende leite para a COOPAL.

² Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa optei por utilizar nomes fictícios.

A família possui 47 hectares divididos em cinco; possui açude.

4-Darizia – 14 anos – mora a 500 metros da escola. Tem um irmão que estuda na 2ª série da mesma escola.

Planta:

Fumo

Milho

Soja

Amendoim, horta.

Com cinco vacas leiteiras entrega de 20 a 25 litros para a COOPAL.

A família tem 20 hectares mais 20 hectares do outro lado da estrada mais duas chácaras de aproximadamente 20 hectares.

Açude sem peixe.

5 - Juliana – 14 anos – mora na cidade e tem 4 irmãos; até os dez anos morava no Herval.

Plantavam:

Milho

Fumo

Entregavam leite para a Cosulati.

6-Andrio – mora a 2 km com o pai, a mãe, a avó e dois irmãos.

Irmão - terceiro ano do Ensino Médio.

Irmã – 5ª série

Planta:

Batata

Feijão

Fumo

Primeiro entregavam leite para a COSULATI e agora para a COOPAL.

Produz 90 a 100 litros de 2 em 2 dias

Possuem 10 vacas sendo que 3 não produzem leite.

A COOPAL financiou o resfriador.

O tio trabalha para a COOPAL.

A propriedade possui açude com peixe.

A família tem 12 hectares e a avó tem 7 hectares.

7- Merízia – 12 anos – de 7 a 10 km 3º distrito Rincão do Progresso

Mora a 5 anos no Iguatemi com o pai, a mãe e uma irmã.

Pai – zelador da prefeitura

Mãe – professora da escola rural, onde a família mora. Escola estadual, provavelmente no ano de 2007, a mãe não mais estaria atuando na área de educação sendo que teriam que morar em Canguçu.

8-Paulo – 12 anos – 7 a 10 km

Pai, mãe e 1 irmã

Planta

Batata

Feijão

Milho

Não vende mais leite

Logo que a Coopal surgiu vendia 20 litros dia. Parou para plantar.

Propriedade de 15 hectares

Luterano

9-Cledemir – 5 a 6 km

Pai, mãe e 1 irmão e 1 irmã.

Planta

Fumo

Feijão

Milho

23 hectares – 5anos que moram, pagaram 27 mil reais, não tem outro dono e o financiamento foi feito pelo Banco da terra.

Vendiam leite para a COOPAL.

5 vacas que foram vendidas – de 4 em 4 dias produziam 20 litros de leite

produziam pouco leite pois não tinha pasto.

10-Roger – 12 anos – Mora a 3 a 4 km com o pai, a mãe, e um irmão e uma irmã que são gêmeos (8 anos na 2ª série).

Planta:

Fumo

Milho

Batata para consumo da casa

10 hectares de outro dono. Metade da plantação vai para o dono da terra.

1 vaca só para o consumo.

Terminou o horário. Tão agradável e empolgante tornara-se o nosso diálogo que não percebemos o sinal. Era hora de encerrar o expediente. A despedida foi alegre e com a promessa de estar de volta na próxima semana.

Promessa Cumprida (Novo encontro).

Ao chegar à escola, era hora do recreio e fui agradavelmente surpreendida: um abraço carinhoso, um beijo e o desejo de “seja bem-vinda professora” me emocionaram, eram as crianças me recepcionando no portão. Fomos à sala de professores, onde Carla trabalharia com o seu grupo, e eu, novamente mantive um agradável diálogo com a professora de Geografia. Era

hora de entrar em sala. Novamente pedi que formássemos um círculo para que pudéssemos trabalhar melhor.

Perguntei se todos conheciam bem a localidade e se poderiam me explicar onde moravam, as distâncias. Durante a conversação não tivemos dúvidas, era melhor representar. Como? Nada melhor do que um desenho. Por unanimidade foi escolhida a aluna Darizia, desenhista oficial da turma. Logo entendi porque. Desenhava muito bem. Pegamos papel pardo e lápis, sentamos no chão, ao redor da desenhista, cada um contribuindo com informações e detalhes da localidade, para que o desenho não apresentasse falhas. Enquanto o desenho era feito, íamos conversando, os alunos contavam sobre o que faziam na propriedade, não trabalhavam realmente, mas a ajuda era importante: “na sexta feira vamos matar um porco, eu ajudo em tudo”, disse Andrio. A menina desenhista, atenta ao diálogo, interpelou: “lá em casa também! No outro final de semana vamos matar um porco”. Interessei-me e perguntei: vocês vendem a carne? Ambos afirmaram: “Não. É só pro consumo da gente”. Percebi que eles participavam ativamente das atividades domésticas. Também tiravam leite que também, na maioria das casas, é só pro consumo. Apenas dois alunos confirmaram que vendiam leite para a COOPAL. Apenas Andrio disse conhecer a COOPAL: “meu tio trabalha na COOPAL, então eu vou lá”.

O fumo é importante fonte de renda nas propriedades, pois a menina Darizia, orgulhosa, falou: “meu pai me deu mil pés de fumo, quando o fumo for vendido, o dinheiro é meu”. Achando muito, perguntei: Mas é muito fumo, não é? A resposta veio rápida: “Não professora, meu pai planta mais ou menos 50 000 mil pés”.

Todos queriam dar opinião. Contribuíram com informações a respeito dos gastos com produtos químicos, herbicidas, fungicidas e agrotóxicos que devem ser utilizados na lavoura. Também falaram sobre as conseqüências desastrosas para as lavouras quando não chove e há muita seca, sobre a perda na qualidade do produto que prejudica o faturamento, enfim, todos, sem exceção, não só falaram, como demonstraram que compreendiam muito bem a relação da produção e do custo final.

O assunto tomou grande proporção e questionei: “mas então vocês plantam muito fumo?” Um dos alunos disse: “É 33”.

Brincando, perguntei: “33 pés?”. Risos.

“Não, 33 mil.”. A menina explicou que “33 mil pés são plantados em uma parte da propriedade que é dividida pela estrada, o restante, os outros 17 mil, são plantados na outra parte da propriedade. Se não os pais dela não podiam dar os mil pés pra ela”.

“E quanto dá isso em dinheiro?”, perguntei.

Isso depende, se o fumo for bom pode dar mil reais. 50 reais a arrouba.

50 reais a arrouba? E como é que se faz o cálculo?

Bom, aí tem que fazer vezes por quantos mil pés.

No caso dela, quanto dá?

Aí tem que dividir por 50.

Falei admirada: Mas 33 mil pés é muito fumo?!!

Não, aqui tem vizinhos que plantam 42 mil pés, alguns plantam 60 mil pés. Mas quem planta menos, cuida melhor. Lá embaixo onde nós morava, o vizinho plantava 500 mil pés.

Achei muito, e repeti assombrada: 500 mil pés de fumo?

Quem planta cento e poucos mil pés de fumo tem que abandonar tudo o resto, tem que se dedicar só a isso, não planta mais nada, não cuida da criação.

Mas não é o caso de vocês aqui?

Não, plantamos soja, fumo, nós cuidamos de todas as coisas, dos animais.

Vocês plantam fumo?

Plantamos, mas não sei quantos pés, nós plantava outras coisas, mas agora não. Animais nós só temos porco e uma vaca, mas não dá leite, a gente não tiramos leite, a gente deixa ela solta no pasto.

Lá em casa tem um porco branco e um amarelo

Lá em casa tem um grandão e um pequenininho, e o pequenininho já tá gordo e nem cresceu ainda.

Nós temos uma leitoa e um porco que nós vamos carnear na sexta-feira.

Tentando mudar de assunto, perguntei:

Tu falas em pomerano?

Minha mãe fala e o meu pai não, aí minha irmã e eu não entendemos nada, diz Catiela.

Lá em casa só minha mãe fala o alemão, meu pai só um pouquinho. E eu falo. Diz Gitane.

Lá em casa minha mãe fala com os mais velhos e eu não entendo nada, diz Eva

Vocês duas falam em pomerano? Pergunto a Darizia e a Gitane.

Nós chegamos a fazer uma festa de Natal na Igreja em Pomerano.

Vocês vão matar porco também? É só pro consumo, ou é vendido?

Não, é só pro consumo.

No meu vô, eles matam uma novilha.

A minha mãe é professora ali, e o governo quer fechar a escola da mãe, aí porque a escola é pequena tem que botar os alunos numa escola grande, aí a mãe procurou uma casa em Canguçu e aí se fechar nós temos que nos mudar.

Eles falaram da Escola e do governo.

Durante todo o diálogo a menina desenhava;

vocês todos moram na estrada principal?

Não, eu agora vou fazer os desvios. Aqui na igreja é um.

O tempo passou e o desenho foi concluído.

A despedida foi novamente alegre e descontraída com a promessa de um novo encontro.

Terceiro encontro

Novamente fui recebida com alegria e entusiasmo, as crianças estavam distraídas com suas brincadeiras na hora do recreio, mas, ao perceberem minha chegada, vieram correndo, com um sorriso alegre e espontâneo, para me abraçar e desejar as boas vindas. Demonstravam amorosidade e alegria ao me ver, e isto sempre me emocionava.

Bateu para o término do recreio e fomos, eu e a turma de dez alunos, à sala de aula. A discussão sobre a localidade surgiu no primeiro momento e a dúvida foi instantânea: Iguatemi é distrito ou subdistrito? Eva, pedindo licença, saiu correndo da sala, voltou em seguida trazendo um mapa do município. Todos se animaram para a discussão. Colocamos o mapa no chão e foi comprovado de imediato que “Iguatemi é uma localidade e faz parte do 2º subdistrito de Canguçu”, falou alegremente Catiela. Mas o entusiasmo foi geral ao perceberem que podiam ver onde ficava a escola, cada um deles, ali, sentados no chão, procurava sua casa ou um ponto de referência no mapa, ora verificando a

distância de uma casa a outra, ora medindo a distância até a escola. Coloquei junto ao mapa, uma carta cartográfica da localidade e ficamos analisando o material exposto. Hora de encerrar o encontro. Perguntei se podia fazer uma visita à casa deles. Outra vez a resposta foi unânime, “claro que sim, professora”. Já estávamos no final do ano letivo e prometi, então, visitá-los nas férias.

Orientações

Paralelo a esse processo, desenvolvi orientação e discussão com o professor orientador José Fernando Kieling, para discutirmos estratégias de organização das atividades com os alunos da Escola Dr. Carlos Meskó. Chegamos à elaboração de um quadro de referências com um detalhamento expandido de muitos indicativos para observação e coleta de dados sobre a realidade a partir da família e da unidade familiar de produção.

Anexamos, em seguida, as grades mais formais, que deram início ao trabalho de coleta dos alunos. As grades, em certo sentido, davam mais segurança e balizavam uma proposta que, frente a qualquer injunção ou contrariedade, pudesse chegar, mesmo com relativo êxito, a bom termo.

O movimento, entretanto, foi tão intenso por parte dos alunos e recebeu colaboração tão expressiva dos pais, dos professores e das crianças, mesmo de fora da turma, que extrapolou exuberantemente qualquer expectativa, mesmo as mais otimistas. A profusão de dados atropelou-me. Tive dificuldade para entender a nova abrangência que eles estabeleciam para o desenvolvimento do projeto. Em reunião com os colegas do GAPE e com o orientador, fizemos um esboço aproximativo em forma de rol de temas e rede de articulações trazidas oralmente por mim para aquele encontro. O esboço foi mantido na seqüência do texto para mostrar a organização dos primeiros dados trazidos pelos alunos e a rede de problematização da unidade de produção rural e suas relações próximas, evocadas a partir dos dados informados oralmente pelos alunos quando refletimos, na escola, sobre a aquela entrevista inicial.

Algumas questões foram tratadas diretamente em sala de aula com a colaboração entusiasmada dos alunos no desvelamento das relações históricas que eles viviam. Uma grande parte das questões foi vista por mim e pelos colegas do GAPE como o esboço de uma nova abrangência na permanência e na continuidade do trabalho com a comunidade do Iguatemi e com a Escola Carlos Meskó.

Deixei fora do texto, no anexo 3, alguns exemplos de respostas dos alunos ao questionário inicial. Ajudam a ver melhor o movimento da própria dissertação.

E-ATVDO

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A – COMPOSIÇÃO DO GRUPO FAMILIAR

COMPONENTES	IDADE	SEXO	
		M	F
PAI			
MÃE			
FILHOS 1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
NETOS			
OUTROS			

B – FORMA COMO A EXPLORAÇÃO FOI CONSTITUÍDA

COMPRA (nº/ha)	HERANÇA (nº /ha)	POSSE (nº/ha)

C – CONDIÇÃO LEGAL DA TERRA

PRÓPRIA	PARCERIA	OCUPADA	OUTROS

D – UTILIZAÇÃO DAS TERRAS

LAVOURAS		PASTAGENS		MATAS		Não aproveitadas e construção	
PERM.	TEMP.	PERM.	TEMP.	NAT.	ART.		

E – ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

TIPO DE CULTIVO

CULTIVO	ÁREA	QUANT.
Cebola		
Pêssego		
Milho		
Batata		
Feijão		
Morango		
Outros		

TIPO DE REBANHO

TIPO	Nº DE CABEÇAS
Bovino	
Equinos	
Aves	
Suínos	
Ovinos	

F – SISTEMAS DE CULTIVO

TIPO	SIM	NÃO
Rotação de Terras		
Rotação de Cultivo		
Associação de Cultivo		
Prática de Pousio		

G – COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO (Relações com o mercado)

TIPO DE PRODUTO	DESTINO DA PRODUÇÃO			
	C. ATAC.	C. VAR.	F. LIVRE	AGRO IND.
Pêssego				
Milho				
Morango				
Batata				
Leite				
Vinho				
Tomate				
Outros				

H – RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO

DIVISÃO INTERNA DA MÃO-DE-OBRA	
NÚMERO DE PESSOAS	
SEXO	IDADES
MASC.	
FEM.	

MÃO-DE-OBRA EXTRA-FAMILIAR (Salário)		
TIPOS DE MÃO-DE-OBRA (nº)		
Empreg. Temp.	Empreg. Perm.	Ajuda Mútua

I – RELAÇÕES TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

TIPOS DE INSUMOS						
FERTILIZANTES		CALC	FUNG	INSET.	HERB.	SEM/MUD
QUIM.	ORG.					

USO DA FORÇA MECÂNICA OU ANIMAL		
TIPOS DE FORÇA	PRÓPRIA	ALUGADA
Mecânica		
Animal		

J – ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CRÉDITO RURAL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA		
SISTEMÁTICA	EVENTUAL	NUNCA

CRÉDITO RURAL		
SISTEMÁTICA	EVENTUAL	NUNCA

ÓRGÃOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CIENTÍFICA

ÓRGÃO	SIM	NÃO
EMBRAPA		
EMATER		
Indústria		
Outros		

I) Unidade familiar (composição

I. ~~II~~ Components →

I. 2) Unidade Familiar de produção

I. 1) constituição

I.22) condição legal

I.2.3 Utilização de terra

2.2.4) personal on ~~supra~~

I.2.5) utilização mecânica (- trator e compactador)

I.2.6) laço

I. 2.7) Fertilization - as

I.2.6) Fertilizantes - az.
I.2.7) Insumos. (insecticidas, herbicidas, juncos
I.2.8) Equipos - ^{resfrescos} ~~refrigeración~~, motosserra, motor
moendo

→ (I. 2.3.1) acide

I. 2.32 lavouzas - Horte

I, 2.33 Passagers

I. 2.35. Florentinens

— benfiteiros "

- actividades domésticas

- fardin
- horta
- power

→ Hosts -
→ power

efficiency

beneficiários na profundidade

finanziamento

→ compos de mercados

→ luz detras

queijo
Kessschmier
magenta
note

queijo
kasschmier
magariz
note

queijo
Kessschmier
manteiga
manteiga

queijo
Kessschmier
manteiga
manteiga

Leite - open house
nostalgia

Leite - open house
nostalgia

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

par / bob / bobo
melado / açúcar
melado / açúcar

Schmier
das/Geliebte

Schmier
das/Geliebte

ENTRADA NA COMUNIDADE A PARTIR DAS FAMÍLIAS E UNIDADES DE PRODUÇÃO.

I componentes do grupo familiar.

DE PRODUÇÃO.

II COMUNIDADE:

I.1 Componentes

idade
sexo.

(pai, mãe,
avós, tios,
filhos, netos,
cunhados, ...)

I.2 unidade familiar de produç.

1.2.1 constituição
(compos. herança, poss.
ocupação, parentesco,
etc.)

1.2.2 condições legais
(propriedade/arrendamento
ocupação)

1.2.4 pessoal ocupado

1.2.5 utilização mecânica

1.2.7 fertilidade
1.2.6 natalidade

1.2.3.6 prósrios/imprósrios
(área / p/q?)
como gerência

1.2.3.5 florestal

p/ que?
área

• fruto

• madeira

Goiaba

pitanga

pitanga

amora

laranja

pera

bergamota

abacate

limão

araca

jaboticaba

maca

maíuelo

figo

1.2.3.1
rece. (irrigação) a água

1.2.3 utilização da terra

1.2.3.2 lavouras

1.2.3.3 hortas

1.2.3.4 pastagens

- p/ plantar o que
- área apropriada
- culturas intercaladas?

- área
- que animais
- gado leiteiro
- porcos/suínos
- ovelhas
- galinhas
- brios traco.

abóbora
milho
mandioca
batata
feijão
alobroa
pipoca
aveia
trigo
centeio
cevada
sorgo
funo
soja
melancia

chuchu
maracujá
uva
abacaxi
amora (s)
alface
couve
couve-flor
cenoura
beterraba
rabanete
tomate
repolho
vagem
espinafre
brócolis
aguião

tempero

alho, pimenta

Visita aos pais dos alunos do Posto Branco. (Visita durante as férias)

A temperatura estava amena quando, num sábado de manhã, convidei meu pai e minha mãe para acompanhar-me na visitação que faria aos pais dos alunos que me ajudavam na pesquisa.

O passeio empolgava, campos verdejantes de um verão que chegava ao fim, chamavam nossa atenção. Meu pai atento à paisagem comentou “*parece um tapete verde*”. De fato, o panorama que se desenhava a nossa frente era encantador.

Chegamos à localidade Posto Branco. Apesar da chuva que havia caído durante a semana, a estrada de chão que nos levaria as residências estava boa. Eu, apesar de ter feito o trajeto por diversas vezes para chegar à Escola e das informações dos alunos no mapa feito no papel pardo, estranhei as distâncias. Tudo me parecia mais longe.

Cheguei em algumas residências para pedir informações. A cada propriedade que eu chegava, meu pai ia reconhecendo os lugares. Reminiscências do passado lhe brotavam na memória. Lembranças de uma juventude vivida há muito, muito tempo. Nos tempos de “moleque”, andava por todas aquelas propriedades vendendo tamancos.

A cada residência que passávamos, recordava a família que ali morava. Percebi sentimentos contraditórios, ora falava com melancolia, ora com entusiasmo, mas sempre com saudade. Minha mãe apenas escutava.

Assim, cheguei na primeira casa. Fui recebida pela mãe da aluna Darizia, a desenhista. Apresentei-me. Em seguida chegou o pai e a própria Darizia. Conversamos sentados na grama. Minha mãe não se conteve, desceu do carro e com a desculpa de querer mudas de flores, bem típico dela, entabulou uma conversa em pomerano, dialeto alemão muito falado nos arredores. O casal sentiu mais segurança para falar e os assuntos se diversificaram. Ao ser perguntado sobre a produção de leite, o pai da garota disse que “a decisão de

parar de produzir leite se deve ao fato da relação produção x lucro se tornar inviável, pois o valor de produção é muito alto e não compensa. Hoje temos só três vacas. É só pro consumo. Paramos de produzir por causa do preço mesmo. Plantamos fumo, porque o feijão é 25 a 30 reais. Muito trabalho pra pouco dinheiro. Nem pensamos na possibilidade de trocar de plantação. Ao ser perguntado sobre o tamanho da propriedade disse-me que é de “aproximadamente 24 hectares.”

Agradei a atenção e nos despedimos. Seguimos adiante.

Chegamos à residência de Andrio, onde fui atendida pela mãe do garoto. Aqui, minha mãe já estava junto comigo na hora de me apresentar e logo iniciou a conversa, fazendo as devidas apresentações em pomerano. Pouco tempo depois, as duas conversavam como se fossem velhas conhecidas. Entrei no assunto pedindo que fizesse um relato da produção da propriedade:

“A gente planta fumo porque a necessidade manda. Criança pra sustentar, colégio, isso dá dinheiro, mas já não é como antigamente, só tem aquilo, pra sobreviver, pra sustentar tua família, já foi o tempo que se plantava pra ganhar muito dinheiro.

E o leite como é?

O leite a mesma coisa, produzimos e entregamos para a COOPAL, porque a necessidade manda, né? Porque é uma renda a mais, uma renda extra, que entra todo mês, 130 litros mais ou menos por mês que nós produzimos, temos seis vacas e a COOPAL recolhe de dois em dois dias. Eu sou a favor de vender leite do que plantar fumo. Eu planto fumo por enquanto, porque os guris tão ajudando. Temos 11 hectares e meio. Plantamos fumo mesmo porque é o que mantém a família. Batata mesmo, colhemos mais de cinco sacos, tá tudo aí, estragando, pra vender a 10 reais, não vale a pena, 10 reais o saco, faz a conta, cinco sacos, dá 300 reais, faz o quê? Vai no supermercado com 300 reais? Dá pra fazer o rancho pra um mês, e olha lá se dá. Tem que contar a semente, o adubo, o trabalho.

Perguntei se pensavam na possibilidade de trocar a produção do fumo por eucalipto, acácia ou girassol?

Sim, nós já estamos pensando nisso, eu to plantando fumo por enquanto, porque o filho mais velho quer fazer vestibular pra Educação Física, ele não quer ficar na propriedade, eu acho bom ele estudar, na colônia não dá mais. Porque vê só, nós temos 11 mil reais de despesas, pela firma, eles mandam adubos, mandam tudo, nosso já dá 11 mil reais, então nós temos que tirar isso primeiro e depois divide isso pra ver o que sobra. Porque quem ganha 450 reais na cidade tá melhor do que pra nós aqui fazendo 2 ou 3 mil reais por mês, tirando todas as despesas, no final não sobra quase nada, que nem o leite, também, eu faço mais ou menos 500 reais de leite por mês, pra fazer o rancho é bom, mas também! o quanto eu invisto, o farelo, o sal, o medicamento pras vacas, tem tudo isso, mas eu não penso em parar de vender leite, porque isso é certo. Antes parar de plantar fumo do que vender leite. Faz de manhã, faz de noite, bota no resfriador, e não tem mais com o que se preocupar, não te envolve mais. O fumo não, tem que colher, atar, colocar na estufa, tem que pôr lenha. Essa semana mesmo choveu todos os dias, mas começou tem que terminar, eu me molhei três vezes essa semana na lavoura, chega no final do dia tu tá estressadíssima, tá que não consegue nem mais ver o fumo.

Planta feijão, batata e o que mais?

Eu planto batata e dou pras vacas. Tudo o que sobra na agricultura, mesmo na horta, o repolho, alface vai tudo pras vacas, abóbora.

Não pensam em vender?

Tem tanta moranga, mogango, eles dizem que não gostam de comprar, preferem comprar da Ceasa. Então deixa, deixa lá que eu dou pras minhas vacas, é menos farelo que eu compro. Tem um senhor que ao invés de comprar aqui, não, ele prefere comprar lá, diz que é melhor, diz que comprava a batata de São Paulo, que é melhor. Tu vê, se tivesse dito pra mim eu teria perguntado se aquela batata era colhida em apartamento, vai ver se aquela batata não é colhida na terra que nem aqui.

Vocês fazem empréstimo em banco?

Sim, nesse sentido a COOPAL ajuda porque foi através do presidente da COOPAL que eu consegui o empréstimo.

A entrevista chegou ao fim e nos despedimos.

Chegamos à casa de Eva. Bati. Não houve resposta.

Continuamos o caminho até a casa da Catiela. A mãe da garota me recebeu com atenção e a conversa tornou-se muito agradável. A família possui um mini-mercado, e o marido é caminhoneiro, sendo que transporta principalmente o fumo plantado na região. A respeito da plantação de fumo a senhora expõe que *“a produção de fumo é interessante para a fábrica, porque exige a mão-de-obra familiar, não pode ser mecanizada. Os grandes proprietários produzem soja, pois podem usar máquinas. É o caso do leite, os grandes usam máquinas, ordenhadeira, o valor é muito baixo para o pequeno produtor. Em grande quantidade é rentável.”*

Fomos interrompidas com a chegada de Catiela, cumprimentou-me alegremente, perguntando se já havia estado na casa da Eva. Respondi que lamentava, mas não havia ninguém para me receber. Inconformada, pediu licença e saiu correndo. Voltou em seguida, afirmando que todos estavam em casa e que me acompanharia. Despedi-me e a garota entrou no carro, apresentei-a aos meus pais que, pacientemente, me esperavam.

Chegamos à casa de Eva. Foi desnecessária a apresentação, as garotas já haviam feito a propaganda da *professora que estava fazendo uma pesquisa*, disse-me a mãe de Eva. Então, começamos a conversar.

Ao falar sobre a vida no campo percebi uma certa tristeza em seu relato: *“a terra é arrendada, planto dez mil pés de fumo, é a única coisa que dá dinheiro. O milho? - 10 reais o saco. O fumo? 1 arroba – 100 reais. A gente sabe que o fumo requer agrotóxico forte. Mas temos que usar.” Mas apesar de que o fumo dá trabalho, passa o ano inteiro em função disso, só que é um serviço leve, tu não*

trabalha no sol quente. Tem o veneno. Quem é fraco pro veneno não consegue, eu não consegui, eu tirava o broto, as florzinha aquelas, sabe? Os vizinhos botavam o veneno, mas cinco carreiras atrás de mim, mas o vento, o veneno é muito forte, aquilo me sufocou, eu passei o dia inteiro muito mal, fui parar no pronto-atendimento, sem poder respirar. Nem é tanto veneno assim, mas é muito forte, é só pra tirar o broto.

Perguntei quanto tinha em um saco de milho e em uma arroba de fumo. Logo esclareceu: *“o saco de milho tem 50 quilos e uma arroba de fumo tem 15 quilos. A diferença é grande”.*

Continuando o diálogo afirmou que *“não uso mais o Pronaf porque não sou mais associada à COOPAL e o banco dificulta o empréstimo por causa do modelo 15”.* O dono da terra me deu a terra para plantar, eu ajudo eles e eles me ajudam. Os 10 000 mil pés são meus, livres de qualquer coisa, tudo que eu devo na firma é o meu pedido, ele me emprestou a terra pra eu plantar esses 10 000 mil pés, ele me ajudou a plantar, me ajudou a limpar, me ajudou a colher, porque na verdade eu não tenho ferramenta, eu não tenho cavalo, não tenho boi, arado, grade, capinadeira, não tenho nada, então agente trabalha junto, só que quando é na hora de colher, tá seco, cada um guarda o seu. Depois de novo, agora a gente tá classificando o fumo, cada um ajuda o outro, classifica e manda pra firma, cada um com seu nome e pronto. Quando terminar, terminou e deu. Eu pago a terra com a mão de obra.

Ao me despedir, as garotas se prontificaram a ir conosco até a próxima propriedade, na casa de Merízia, Pedi permissão à mãe de Eva, que não viu problemas e partimos. A alegria, a jovialidade, próprias da idade, se refletia na fala das garotas, que conversavam ininterruptamente. Falavam da escola e dos finais de semana no interior. A estrada que nos levaria à casa era secundária e, como havia chovido, em um determinado ponto tornou-se intransitável. Tive que desistir. Não havia mais como continuar. Voltamos.

Minha jornada pelo interior chegara ao final, pois Juliana morava na cidade de Canguçu e todos os outros moravam em estradas secundárias, impossibilitando a continuação das visitas.

Recomeço do ano letivo.

Apresentei-me na escola no início do ano letivo de 2007 para dar continuidade à pesquisa. Agora não mais na 6ª série, mas na 7ª. A alegria ao me verem era a mesma de todos os outros encontros. Mas algumas mudanças se fizeram notar. No caminho, perdi alguns *coleguinhas* e ganhei novos, como é o caso do novo aluno Josias.

Mora com os pais e dois irmãos

16 anos

Mora aproximadamente a 20 km da escola.

Na propriedade plantam:

feijão

milho

fumo – pouco

leite – somente para o consumo. Tudo o que é plantado é vendido nas vendas da localidade.

Nessa caminhada perdi a coleguinha Merízia, porque a escola em que a mãe trabalhava foi fechada, obrigando a família a se mudar para Canguçu, e o aluno Cledemir, que permaneceu na 6ª série.

Ao propor um projeto de investigação foi importante o entusiasmo e a empolgação dos alunos na ação colaborativa desencadeada. O término da

atividade, para efeitos de formalização da dissertação do Mestrado, deixa a sensação de uma grande lacuna: o potencial vislumbrado no projeto alcança proporções tais que não posso abraçar em um curto espaço de tempo.

Por exemplo, todas as informações que vieram a respeito das relações dos colonos com o fumo e a complexidade de relações constitutivas dessa atividade econômica. É evidente, que num processo educativo, escolar, a investigação dessa realidade, além de poder ser bem melhor esquematizada e qualificada com as informações dos próprios alunos, precisa ultrapassar o nível local de determinação para entender a totalidade dentro da qual se inserem essas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem do trabalho estava muito mais relacionada com a COOPAL do que com a escola. Pretendíamos discutir, num projeto de ensino específico com alunos do ensino fundamental da Escola Carlos Meskó, o movimento histórico em que se originou a própria Cooperativa e que era resultante da ação dos sujeitos da localidade impactados pelas políticas públicas e empresariais para a agricultura familiar. No entanto, a aproximação com a escola mostrou uma problemática maior: o processo cooperativista estava sendo acompanhado por poucas famílias dos arredores, apesar delas vivenciarem problematicamente a mesma conjuntura vivida pelos colonos que decidiram criar a cooperativa.

A questão, portanto, precisava focalizar de forma imediata as contingências históricas vividas pelas pessoas do Iguatemi e arredores e problematizar com eles as explicações que estavam sendo construídas e veiculadas a respeito dos efeitos das políticas na vida das famílias.

O projeto, por conseguinte, não deixa de considerar a COOPAL como síntese dos movimentos complexos e conflitivos que muitos colonos estão fazendo na perspectiva de enfrentamento das contingências históricas que vivenciam. Mas desloca a sua abordagem mais sistemática para um momento posterior, quando se espera aprofundar a ação subjetiva e coletiva dos colonos, problematizando-as na abrangência dos problemas que enfrentam e na perspectiva das decisões que eles vêm tomando para sua superação.

O movimento que se mostrou necessário à medida que ocorria um contato maior com a comunidade e a escola, foi problematizar o próprio currículo em termos de sua transitividade às dimensões importantes da realidade do seu entorno. Neste sentido, realizamos o projeto específico de pesquisa e ensino com os alunos da 6ª série do ensino fundamental.

Foi possível analisar, através das atividades propostas, o quanto é importante que o professor proporcione momentos de reflexão da realidade ao qual o educando está inserido, onde os alunos possam demonstrar o conhecimento e a capacidade de produzir sua própria história, onde as atividades propostas possam proporcionar autonomia e criticidade.

O trabalho aqui exposto aponta caminhos que possibilitam elaborar estratégias para a educação rural em suas práticas pedagógicas. A participação dos alunos nesta perspectiva é imprescindível e torna o processo de ensino aprendizagem fonte de inúmeras informações e concepções que desafiam nossa capacidade de explicar e agir sobre o real.

A profusão de dados e a riqueza potencial para os processos de conhecimento produzidos com as pessoas do entorno abrem perspectivas de dinamização dos conteúdos programáticos da escola. Sua contextualização às dimensões próximas da realidade abrem perspectiva mais consistente, enraizada e histórica de conhecimento. Isto vem atender a uma necessidade verificada também no Projeto Político Pedagógico, tal como descrito no capítulo 4.

As informações colhidas de forma fragmentária, num primeiro momento, podem ser qualificadas e relacionadas à totalidade de vida dos colonos. Nesta abrangência, eles passam a cobrar afinamento das disciplinas com os processos locais. Informações como no exemplo dos agrotóxicos utilizados nas lavouras de fumo, os cálculos e valores relacionados a produtos como fumo, feijão, batata, as distâncias percorridas, os distanciamentos das plantas e árvores, a declividade dos terrenos, a localização espacial das propriedades, das lavouras, da vila, da sede do município, a coleta das práticas bilíngüe das pessoas da comunidade de predomínio pomerano – colhidos na profusão de informações originadas nas entrevistas, conversas e escritos dos alunos e professores nos mostram o rumo para as tematizações dos programas de ensino da escola.

O professor/educador, ao utilizar trabalhos diferenciados, colaborativos e contextualizados, neste caso, considerando a própria realidade do aluno, respeitando as suas especificidades, pode proporcionar, apontar caminhos

radicalmente singulares e potencialmente originários de uma reflexão problematizadora levada a efeito necessariamente com eles.

Durante as discussões que desenvolvi com a turma, as conversas com os meus *coleguinhas* de pesquisa, considerei importante o dialeto da comunidade no qual estão inseridos, respeitando a cultura local, valorizando a língua que predomina no entorno da escola, porque percebi que quanto maior for o contato com a realidade, maior se torna o interesse pelo conhecimento, mais fascinante e aprazível fica para o estudante descrever o que de fato conhece e que faz parte do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, R. *Saco de Batatas*. In: **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENTO, C. M. **Canguçu, Reencontro com a História - Um Exemplo de Reconstituição de Memória Comunitária** – Porto Alegre: IEL, 1983.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. São Paulo. Brasiliense, 1982.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COPSTEIN, R. *O Trabalho Estrangeiro no Município do Rio Grande*. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, AGB, nº 4, 1975.

DACANAL, J. H. *A Imigração e a História do RS*. In: DACANAL, J. H. (org.). **Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

DE BASTOS, F. P. *Investigação-Ação Emancipatória e Prática Educacional Dialógico-Problematizadora em Ciências Naturais na Formação de Professores*. In: **Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores**. Ponta Grossa. Gráfica Planeta. 2001.

DE BASTOS, F. P. e GRABAUSKA C. J. *Investigação-Ação Educacional: Possibilidade Crítica e Emancipatória na Prática Educacional*. In: **Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores**. Ponta Grossa. Gráfica Planeta. 2001.

DEMO, P. **Pesquisa. Princípio Científico e Educativo**. Cortez. São Paulo. 1990.

DINIZ, J. A. F. *Agricultura e Geografia Agrária*. In: **Geografia da Agricultura**. São Paulo: Difel, 1984.

FÁVERO, O (Org.) **Cultura Popular e Educação Popular: Memória dos anos 60**. Rio de Janeiro. Graal, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 9^a ed. Paz e Terra, São Paulo, 1998.

————— **Pedagogia do Oprimido**. 28^a ed. Paz e Terra, São Paulo, 1987.

GERARDI, L. H. O e SALAMONI, G. *Para Entender o Campesinato: A Contribuição de Alexander Chayanov*. In: **Ambiente y Sociedad – La Geografía Hacia El Siglo XXI**. Mérida: UCLA, 1990.

GIACOMELLI, M. R. e MIORIN, V. M. F. *Cooperativismo*. In: **Revista Geografia – Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, N^{os} 8 e 9, 1995.

GRABAUSKA, C. J. e DE BASTOS, F. P. ‘Investigação-ação Educacional: possibilidade crítica e emancipatória na prática educativa’. In.: MION, R. A. e SAITO, C. H. **Investigação-ação: mudando o trabalho de formar professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, p. 9-20, 2001.

JANKE, A. e CORRÊA, M. B. **Agricultura Familiar no Município de Pelotas**. Pelotas: UFPEL, 2000. (Monografia de Graduação).

JEAN, B. *A Forma Social da Agricultura Familiar Contemporânea: Sobrevivência ou Criação da Economia Moderna*. In: **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.6, (p.51-76), 1994.

KIELING, J. F. **Estratégias de Abordagem à Realidade na Perspectiva de Construção Curricular em Escolas de Campo**. São Leopoldo:UNISINOS, 2005. (Texto constante no relatório final de Pós Doutorado).

LAMARCHE, H. (Coord) *Introdução Geral*. In: **Agricultura Familiar: Comparação Internacional**. Campinas – SP: Unicamp, 1993.

MINAYO, M. C. de Souza; DESLANDES, S. Ferreira; NETO Otávio e GOMES, Romeu. Pesquisa Social. **Petrópolis: Vozes, 1994**.

MOREIRA, I. e COSTA, R. H. da. **Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

NORONHA, A. V. *Embasamento Sócio Filosófico*. In: NORONHA A. V. et. al. **Cooperativismo**. Guarulhos. SP. Faculdade Integradas de Guarulhos, 1976.

PEREIRA, P. R. G. **Agricultura Familiar e Turismo Rural – O Exemplo da Comunidade de Santa Silvana. Pelotas – R.S.** Pelotas: UFPEL, 2002. (Monografia de Graduação).

PESAVENTO, S. J. R. S : **A Economia e o Poder nos Anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PINSKY, J. **Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil**. São Paulo: Global,1983.

PORTO, M. S. G. e SIQUEIRA, D. E. *A Pequena Produção no Brasil: Entre os Conceitos Teóricos e as Categorias Empíricas*. In: **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.6, (76-88), 1994.

RIOS, G. S. L. **O Que é Cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROCHA, L.H.M da e MIORIN, V.M.F. *A Importância da Terra na Organização Espacial: A Formação Econômico-Social do Espaço Sul-Riograndense*. In: **Revista Geografia, Ensino e Pesquisa**. Santa Maria: UFSM, nº 03 dez,1989.

SALAMONI, G. e GERARDI, L.H.O. *Produção Familiar Integrada ao CAI Brasileiro – A Produção de Pêssego no Município de Pelotas – R. S.* In: **Anais do X Encontro de Geografia Agrária**. Teresópolis – R.J.: ENGA, 1990.

A Produção Familiar de Pêssego no Município de Pelotas - RS. In: **Geografia**. Rio Claro, 17(2): (p. 45-64), outubro, 1992.

SCAGLIONE, C. E. **Turismo Rural: Fonte Alternativa de Renda para o Produtor Familiar no Distrito de Rincão da Cruz – Pelotas – RS**. Pelotas: UFPEL, 2002. (Monografia de Graduação).

SILVA, O. H. da. *Alguns Comentários Sobre o Destino do Campesinato em Marx*. In: **Revista Economia Rural**. Brasília, 24(1): 101-116, Jan/Mar,1986.

SIMCH, P. L. **Produção Familiar Na Agricultura. Um exemplo de Tipologia no Município de Canguçu – RS**. Pelotas: UFPEL, 2002. (Tese de Doutorado).

VOIGT, A. C.CL. **Formação de Pequenas Propriedades de Produção Familiar no Contexto Sócio Econômico do Município de Canguçu**. Pelotas: UFPEL, 2000. (Monografia de Graduação).

ANEXOS

ANEXO 1: Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó.

HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola Estadual de 1º Grau Dr. Carlos Meskó foi fundada em 24 de maio de 1962, na localidade de Florida, sendo então denominada Escola Rural Coxilha dos Teixeiras. Em agosto de 1970, passou a funcionar no Iguatemi. Em 1972, a Escola passou a denominar-se Escola Rural Dr. Carlos Meskó, em homenagem ao Dr. Carlos Meskó, que atuava como médico nesta localidade.

Sendo ele cidadão húngaro, nascido na cidade de Budapeste, capital da Hungria, aos 19 dias do mês de julho de 1860. Em 27 de abril de 1887, com a idade de 27 anos, chegou ao porto de Rio Grande, onde foi recebido por alguns elementos da colônia húngara, já radicada em Pelotas. Transferiu-se posteriormente para Bom Jesus, interior do município de São Lourenço do Sul, onde clinicou. Gostando do esporte da caça, saía diversas vezes para o município de Canguçu, onde começou a relacionar-se.

Casou-se em 31 de maio de 1891, com Zeferina Soares, domiciliada perto de Posto Branco, no Arroio das Pedras. Deste matrimônio, o casal teve treze filhos, oito homens e cinco mulheres, alguns nascidos na Coxilha do Fogo, alguns na Florida e outros no Iguatemi, onde veio residir a partir de 1902 a 1929. Em 05 de maio de 1930, mudou-se para Novo Hamburgo, onde faleceu em 29 de julho de 1930, aos 70 anos de idade.

Em 1973, a Escola recebeu do Sr. Arnaldo Strelow, o terreno onde estão construídas as atuais instalações, passando a funcionar neste local. Em 1977, foram implantadas as 7ª e 8ª séries e, em 1979, através do Decreto de reorganização, a Escola passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau Dr.

Carlos Meskó. Em julho do ano 2000, foi inaugurada a ampliação do prédio da Escola para a implantação do Ensino Médio. Em 05 de janeiro de 2001 a Escola foi transformada em Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó.

A mesma tem por filosofia a “Educação voltada para a construção de uma sociedade comprometida, através de uma escola atuante que desenvolva o conhecimento, a integração e a formação da cidadania, despertando à participação, responsabilidade, promovendo a transformação social.”

Tendo por objetivo geral “proporcionar ao educando a construção do conhecimento, despertando para participação social através da parceria, visando potencializar suas capacidades e habilidades, valorizando seus ideais para que integrado à sua realidade busque uma sociedade baseada na democracia, na igualdade e na justiça”.

IDENTIFICANDO O CONTEXTO GLOBAL DO QUAL A ESCOLA FAZ PARTE

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó localiza-se no município de Canguçu, zona rural, na localidade de Iguatemi, 2º distrito, distante 25 km da sede do município.

O município de Canguçu possui uma área de 3.215 km², situando-se nas Serras do Sudeste, o que explica seu relevo acidentado.

Canguçu apresenta-se como o município com o maior número de minifúndios do país e cerca de 70% de sua população concentra-se na zona rural. Nosso município, assim como os demais municípios da metade sul do Rio Grande do Sul, é um município pobre, com economia baseada no setor primário e que enfrenta dificuldades para seu desenvolvimento.

Dentro deste contexto, a localidade do Iguatemi, uma região de coxilhas, com um clima ameno, apresenta-se como uma realidade sócio-econômica que podemos considerar “média-baixa”. A maioria dos moradores vivem da agricultura

produzindo principalmente o fumo, além de soja, milho, feijão, batata. A produção de fumo é comercializada em grandes indústrias fumageiras de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. Os demais produtos são comercializados na própria comunidade em casas comerciais e armazéns que revendem os produtos em Canguçu ou outros municípios, como Pelotas. A produção do fumo vem ganhando espaço cada vez maior nas propriedades da localidade devido a grande lucratividade do produto. Muitas famílias deixam de produzir alimentos para o próprio consumo, como batata, feijão, hortaliças, comprando-os em mercados da cidade, para produzir cada vez mais fumo. Algumas famílias dedicam-se também à criação de animais, utilizados em subsistência (carne, leite, ovos), e também a produção de leite que é comercializado na COSULATI – Cooperativa Sul-Riograndense de Laticínios de Pelotas, ou para a COOPAL – Cooperativa dos Pequenos Agricultores e Produtores de Leite, de Canguçu.

Existe, na localidade, pequenas casas comerciais, armazéns que comercializam produtos alimentícios, vestuários, utensílios, ferramentas, sementes, ração para animais, açougue, moinho, posto de gasolina, carpintaria, sapataria, oficinas mecânica e elétrica, etc.

As instituições existentes na localidade são a própria escola, as igrejas – Igreja Luterana São Paulo, situada ao lado da escola, e a Igreja Evangélica Independente Flor do Iguatemi, freqüentadas pela grande maioria das famílias dos alunos – além da Associação Capão Bonito, que tem como objetivos auxiliar os associados (agricultores) buscando financiamentos, sementes (sistema troca-troca), compra de máquinas comunitárias, silagem, e a Associação de Criadores que utilizam a inseminação artificial. Os moradores da localidade, em sua grande maioria, são associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canguçu.

A localidade é servida por transporte coletivo municipal e intermunicipal (Canguçu-Camaquã) com diversos horários durante o dia. A assistência à saúde é precária no distrito. Não existe postos de saúde. A população sempre que necessita de qualquer atendimento precisa deslocar-se à sede do município na Secretaria Municipal de Saúde ou ao Hospital de Caridade de Canguçu, onde há

atendimento de pronto socorro. A Fundação Nacional da Saúde atua na localidade realizando a vigilância sanitária.

Os meios de comunicação disponíveis na localidade são poucos. Não há telefone público, algumas famílias possuem telefones em suas residências, sendo que há grande dificuldade em se adquirir telefone fixo devido aos altos custos do mesmo; apenas algumas pessoas dispõem de telefones celulares. A grande maioria das famílias possui televisão e rádio.

Em termos de segurança, não existe atendimento na comunidade, ou seja, quando acontece algo que requeira a presença da força policial, esta deve ser solicitada à sede do município.

A população da localidade é formada por brancos, predominando a colonização alemã, mestiços e alguns negros.

As opções de lazer da comunidade são festas beneficentes em igrejas e escolas, torneios esportivos, visitas aos parentes, jogos de cartas e, para os jovens, os bailes aos sábados à noite.

O grau de escolaridade da maioria é a 4ª série do Ensino Fundamental, e há alguns poucos analfabetos. A evasão escolar após a 5ª série é bastante grande, principalmente porque muitas famílias necessitam de mão-de-obra para o trabalho na lavoura. Porém, verifica-se que nos últimos anos tem crescido a procura e a valorização do estudo, sendo que muitos já possuem ensino fundamental completo.

A localidade, com o passar dos anos vem sofrendo um certo empobrecimento devido, em grande parte, à conjuntura nacional, à desvalorização e a falta de incentivos ao homem do campo. O êxodo rural é bastante acentuado, muitas famílias deixam a zona rural e vão se instalar nas periferias da cidade, ou migram para cidades vizinhas em busca de melhores condições de vida e de melhores oportunidades.

CARACTERIZANDO A REALIDADE ESCOLAR

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó está localizada no Iguatemi – 2º distrito do município de Canguçu, zona rural, distante 25 km da sede do município. Prestou serviços, no ano 2000, a uma clientela de cento e trinta e oito alunos distribuídos da Pré-Escola à 8ª série do Ensino Fundamental atendidos por onze professores, além da direção, vice-direção, coordenação pedagógica e três funcionárias para merenda e limpeza. A escola funciona em dois turnos de trabalho: pela manhã atende as turmas de 5ª a 8ª e, à tarde, atende a Pré-Escola e as turmas de 1ª a 4ª séries.

Quanto ao espaço físico, a Escola possui seis salas de aula, sendo duas com dimensões adequadas ao Ensino Médio e uma exclusiva para a Pré-Escola, secretaria, biblioteca, sala de coordenação pedagógica, laboratório de ciências, refeitório/cozinha/dispensa, um conjunto de sanitários masculino e um feminino, sala de material didático e de áudio e vídeo, sala de professores, uma pequena área coberta, praça de brinquedos e quadra poli-esportiva. A Escola, durante o ano 2000, teve seu espaço ampliado, porém necessita ainda de mais ampliação devido a sua transformação em Escola de Ensino Médio.

A grande maioria dos alunos são filhos de agricultores e auxiliam os pais no trabalho da lavoura. Isso contribui significativamente para a evasão escolar que é bastante elevada, principalmente a partir da 5ª série. O rendimento escolar caracteriza-se como satisfatório. Os maiores índices de repetência acontecem na 6ª série, sendo que se constitui um desafio para a escola a queda dos índices de evasão e repetência. Não existem problemas graves de indisciplina, porém nota-se um grande desinteresse e desmotivação por parte dos alunos, o que nos leva a constatar que a prática pedagógica necessita ser aprimorada, bem como deve haver uma reformulação do currículo, buscando incrementá-lo com conteúdos ligados à realidade do aluno e da localidade.

A escola tem procurado promover a participação da comunidade realizando reuniões, confraternizações, festas, gincanas, celebrações em datas especiais,

participação no Orçamento Participativo, etc. No entanto, a participação das famílias na escola é mínima. Os pais, em sua maioria, não acompanham efetivamente a vida escolar dos filhos. A principal alegação é a falta de tempo e o excesso de trabalho.

Buscando integrar-se à Comunidade, a Escola envolve-se nos eventos educacionais, culturais, cívicos e esportivos promovidos no município como Feira Municipal de Ciências, Semana do Município, Semana da Pátria, Jogos Interescolares, ao mesmo tempo em que promove eventos nos quais conta com a participação da comunidade, de outras escolas e dos próprios alunos para integrarem-se entre si, como Feira Interna de Ciências, o Momento Cívico (que acontece uma vez por mês, através de apresentações dos alunos), gincanas, torneios esportivos, confraternizações e comemorações nas datas especiais, como no dia do estudante, da criança, das mães, do professor e outras, excursões para visitação de locais com atrações culturais, etc.

Procuramos fazer da escola o local em que a educação aconteça em todos os seus aspectos e com resultados diretos na vida da comunidade, conscientes de que ainda temos muito a crescer.

IDENTIFICANDO OS SUJEITOS QUE PARTICIPAM DIRETA OU INDIRETAMENTE DO PROCESSO POLÍTICO-EDUCACIONAL NA ESCOLA

Já chegamos ao Terceiro Milênio, as mudanças e as transformações no mundo acontecem cada vez mais rápido. Vivemos a era das comunicações. Fatos que ocorrem do outro lado do mundo chegam até nós instantaneamente, o mundo está em nossa casa através de satélites, Internet – a rede mundial de computadores – TV a cabo, parabólicas, multimídia interativa, telefones celulares, etc.

O avanço tecnológico e científico é uma realidade cada vez mais presente no nosso dia-a-dia. E nós, seres humanos, avançamos tanto em tecnologia e ciências e não conseguimos avançar em termos de relações humanas. As

guerras, a fome, a injustiça, a violência, a desigualdade social, a destruição do meio ambiente também estão presentes no nosso dia-a-dia, e nós seres humanos tão capazes de criar novas tecnologias, fazer descobertas científicas tão importantes, não conseguimos acabar com problemas tão antigos, tão antigos quanto a vida em sociedade.

Atualmente vivemos em uma sociedade capitalista (onde o que importa é acumular riquezas, sem levar em conta os meios de alcançá-las, e onde o importante é o ter e não o ser), consumista (objetivo de todos, e o que se procura valorizar é o consumo de produtos que os grandes capitalistas querem comercializar, fazendo com que as pessoas sejam valorizadas por possuírem ou não determinados produtos) e individualista (“cada um por si”, não há preocupação em buscar algo que vá beneficiar a todos; poucos lutam pelo bem comum; as pessoas não se importam umas com as outras). Essa sociedade na qual vivemos, tem objetivos e expectativas, mas parece não defini-los, e por isso vive uma crise de valores sociais e morais.

Inserida nessa sociedade está a comunidade do Iguatemi, da qual faz parte aquele que é o objetivo do nosso trabalho, o aluno.

Os alunos aqui contextualizados residem na zona rural, pertencem a famílias de um nível sócio-econômico “médio-baixo”, que são, em sua maioria, pequenos agricultores. Os alunos precisam auxiliar as famílias no trabalho, o que muitas vezes provoca a evasão escolar, à medida que o estudo não é priorizado e valorizado. Observa-se que principalmente nos jovens, há pouca motivação para continuar o trabalho dos pais fazendo-o prosperar e que o objetivo da maioria é ir para a cidade e arrumar um trabalho que lhe renda um salário no final do mês.

Os jovens iniciam muito cedo sua vida social, despertando para o namoro e também para o alcoolismo, visto que o grande consumo de bebida alcoólica é uma característica bem marcante da localidade. Talvez essa situação seja reflexo do pouco apoio e incentivo da família para que eles permaneçam na escola, pois são muito freqüentes afirmações do tipo: “se rodar, não estuda mais”, “já estudou

até a 5ª série, já ta bom”, “pra que estudar se vai ficar trabalhando na lavoura?”, “fulano não estudou e tá bem de vida”, “eu também não estudei” e tantas outras que demonstram esta realidade. Parece que falta entusiasmo e objetivos de vida para esses jovens. Por outro lado, a religiosidade é bastante forte na comunidade. Predomina a religião Luterana que perpassa, um pouco por tradição, de geração em geração, e que aproxima as pessoas da comunidade, sendo uma das poucas formas de integração.

As famílias a que nos referimos aqui são, na maioria, de pequenos agricultores, numerosos, com predominância da colonização alemã. São famílias patriarcais e, normalmente, residem na casa: os avós, os pais e os filhos, tornando a família ainda mais numerosa.

Quanto ao relacionamento com os filhos, não há muito diálogo, e as famílias transferem cada vez mais para a escola a tarefa de educá-los. Os alunos adolescentes buscam com os professores o esclarecimento de dúvidas comuns nesta idade, ao invés de conversarem sobre estes assuntos com os próprios pais. Muitos jovens, por falta de maturidade e pelo desejo de independência, acabam abandonando a escola e buscando o casamento. Essa realidade, porém, já vem sofrendo uma sensível mudança. Em algumas famílias já se percebe o incentivo e o investimento na educação dos filhos, o que também é visível pelo fato de a comunidade ter buscado no Orçamento Participativo a ampliação da escola para a implantação do Ensino Médio.

A PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA

A educação que é proposta, baseada nos princípios religiosos, humanísticos e sociais, deve estar direcionada à formação integral do ser humano oportunizando o aprimoramento de suas potencialidades, tornando-os sujeitos do processo, formando cidadãos críticos, questionadores, participativos, enfim, transformadores da sociedade.

Para tanto, queremos uma escola aberta, em que alunos, professores, pais e comunidade sintam-se chamados a participar das decisões e que haja valorização na colaboração de cada um, levando-os a assumir a sua responsabilidade. O aluno precisa gostar da escola, sentir que é respeitado, que é estimulado em sua capacidade, para se expressar e se manifestar com confiança.

A Escola, assumindo a Educação, deve ser espaço de intercâmbio entre o saber que o educando traz e o que ele adquire. Para isso, é necessário que a avaliação seja parte integrante do processo ensino-aprendizagem, preocupando-se com o processo como um todo. Nesta escola, o educando deve ter acesso a conhecimentos que se interligam na interdisciplinaridade, na perspectiva de construção da cidadania e dos valores religiosos, humanísticos e sociais, em que assuma a valorização da cultura de sua própria comunidade. Ter acesso a conhecimentos que os preparem para uma atuação ética, crítica e participativa na sociedade, no âmbito cultural, social e político. Ao mesmo tempo, ultrapassar seus limites para que o educando possa compreender o mundo em que vive em seus diferentes aspectos, nele atuando com justiça, igualdade e fraternidade.

A Educação, sobretudo, forma a autonomia crítica e criativa do sujeito. Sendo assim, a preocupação dos educadores deve estar centrada no crescimento global dos educandos, sendo agentes transformadores, com seus objetivos voltados para a inter-ação entre teoria e prática e na qualidade do processo ensino-aprendizagem. Devem estar conscientes da necessidade de realizar um trabalho interdisciplinar, buscando caminhos para uma prática pedagógica mais eficiente.

O educador deve ver o educando como sujeito do processo educativo. Para tanto, deve torná-lo parceiro neste processo, valorizando sua bagagem cultural, sua capacidade e respeitando suas individualidades.

Na prática docente, o educador deve estar constantemente buscando atualização, inovando suas metodologias, sendo flexível às mudanças, utilizando

recursos, tendo compreensão da realidade com a qual trabalha, comprometimento político e competência no campo teórico do conhecimento.

Na maneira de desenvolver seu trabalho, o professor deverá auxiliar o aluno a desenvolver suas capacidades, superar limites, estabelecer relações, construir conhecimentos, resgatar valores, fazendo do seu agir diário o exercício da ética, do respeito, do serviço ao próximo, consciente de que desta forma estará contribuindo para o contínuo processo de aprendizagem.

Já o educando, sujeito de sua própria formação, cultiva valores religiosos, humanísticos e sociais, faz da escola um espaço de questionamento para atuar de forma responsável e consciente na formação de sua confiança em sua capacidade de descobrir. Para isso, o educando deve ter a oportunidade de participar das decisões da escola de forma global, opinar na sua organização e no estabelecimento das normas escolares, reivindicar seus direitos, eleger seus representantes, dar sugestões para melhoria da escola, assim como mostrar interesse em construir novos conhecimentos e realizar suas tarefas com responsabilidade para que possa tornar-se um cidadão crítico e atuante na comunidade em que vive.

À medida que o educando desenvolve sua consciência política e adquire uma nova compreensão e percepção da realidade e das formas para se operar a transformação social, terá condições de participar efetivamente da vida social, política e econômica do país, pois é na escola que o aluno deve vivenciar o livre e o crítico exercício da experiência democrática que hoje tentamos construir na sociedade.

ANEXO 2 : Depoimento da professora Joice – Geografia – na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó

Durante os anos em que trabalho nesta escola, foi possível observar o pouco envolvimento da comunidade, ficando restrita somente a sua participação quando chamada para eventos realizados pelo estabelecimento. Quanto à participação da COOPAL, hoje se faz presente na escola em uma parceria para a realização de um curso de informática. Não observei nenhum outro envolvimento além do citado, ficando claro uma relação distante entre as três entidades: Escola, Comunidade, COOPAL.

As festas de casamento aqui começam de manhã e vão até altas horas da madrugada, com a bandinha tocando, com a dança da noiva, o bolo da noiva, tudo isso acontece aqui. O falar alemão para os mais novos não é corriqueiro, eles até entendem, mas ao chegar aqui, os pais, os avós, nas próprias festas aqui da Escola. Uma coisa muito comum aqui nas festas da Escola, os homens todos reunidos na frente da copa tomando cerveja, muitas vezes conversando em alemão enquanto as mulheres lá, os homens de um lado e as mulheres todas do outro lado, isso é da cultura deles.

A COOPAL tem um convênio para manter um curso de informática, o aluno paga uma taxa, eles nem estão fazendo aqui na Escola, eles estão fazendo no salão da Igreja, no salão da comunidade, aqui na comunidade ao lado da Escola, como foi acertado eu não sei, porque foi acertado com a direção, mas eu sei que eles ficavam no turno inverso, os alunos da manhã do ensino médio, então eles vinham de manhã pra aula e já ficavam a tarde uma vez por semana pro curso. É esse convênio até onde eu sei COOPAL e Escola.

A comunidade vem pra Escola quando tem alguma coisa de interesse, por exemplo, esse ano, com a questão do transporte, os pais ainda vieram para a

reunião, alguns, não todos. Quando tem entrega de boletins, vem uma minoria. Tanto é que no ano passado, na escola é assim, são dois semestres, então no meio de cada semestre, é feito um parecer descritivo e era entregue aos pais. Então ano passado a direção resolveu, ao invés de chamar os pais para vir buscar o parecer, porque eles não vem, mandar pelo aluno, e ele retornar com o parecer assinado pelo pais, para se ter uma certa certeza de que o pai olhou o parecer. Então, quando chamados, muito pouco os que vem. Claro, se for uma festa, aí eles vem bastante, porque é o lazer deles. Geralmente eles vem quando eles ganham algo em troca, um benefício, por exemplo, a festa, o benefício é o lazer, o encontro com os amigos, o dia das mães é porque vai ter um café ou algo assim, me parece que é isso.

As festas da Escola não podem coincidir com nenhuma outra festividade, porque a comunidade prefere outras festas. Por exemplo, na última festa, o que aconteceu, tinha o encerramento de um torneio lá no Posto, todos preferiram o futebol, inclusive os alunos se manifestaram, “eu não venho pra festa da Escola, eu não, eu vou na rodada lá do Posto”, apesar da Escola ter auditório, quadra, ter área, essa interação da Escola com a comunidade não tá acontecendo.

Claro, na Geografia, eu procurava buscar a realidade deles conforme a gente vai trabalhando o conteúdo, mas o ano passado que eu tinha a disciplina Economia Rural, então eu procurava fazer isso. Eu ia com eles pra horta, vamos plantar, vamos semear uma beterraba, aí muitos me diziam: “como eu vou plantar a beterraba?” Eu respondia: “Vocês plantam em casa, como é que se semeia, como é que se planta? Vamos plantar um pezinho de couve, dando um espaço”. Então eu procurava aplicar aquilo que eles deveriam fazer em casa, na horta, trazendo pra escola aquele conhecimento que ele tem, mas não tá acontecendo isso. É muito difícil.

Muitos aqui trabalham no fumo, aqueles que trabalham, trabalham no fumo ou dentro de casa, a horta foi deixada de lado. Tanto é, que é muito comum em dia de pagamento de aposentados, chegar em Canguçu, os ônibus que vêm cheios de ranchos, e o que vem nesses ranchos, vem a galinha, a banana, batata, feijão.

Eu me admirava ao ver alunos do Ensino Médio ir na horta e não saber como plantar um feijão de vagem, dá para perceber que tá se perdendo essa valorização da agricultura, porquê? Porque eles têm a questão do fumo, então eles se dedicam muito mais ao fumo, porque é um dos únicos meios de sobrevivência deles, que faz com que eles tenham dinheiro. A soja eles produzem pouco, o milho também é pouco. Então, porque plantar feijão, se dá pra ir no supermercado e comprar?

Então se a gente pedir aqui na Escola, vamos capinar o pátio, vamos ali na horta, a resposta da maioria dos alunos é: “ah, professora, eu já trabalho em casa, vou trabalhar na Escola também?”.

Teve um ano em que eu entrei em sala de aula e questionei: e então, como foram as férias? Foram boas? E um aluno respondeu: “férias professora? Nossas férias estão começando agora”. Eu vejo que eles gostam de vir para a Escola, porque é uma maneira de eles saírem de casa, onde eles vão ver os amigos, eles vão conversar sobre o baile, sobre namoro, eles vão conversar sobre tudo.

Em época de plantar fumo, se marcar uma prova, a maioria não vem, porque eles tão plantando fumo, se vem uma chuva eles tem que aproveitar a terra. Porque é a mão de obra familiar, a pequena propriedade, e isso a gente relaciona com a Geografia, dentro da sala de aula, consegue relacionar bem com a realidade deles. Tá se perdendo a policultura, tá se tornando só a monocultura. Cada dia mais a gente vê estufas sendo construídas, mais gente plantando fumo, e tu vê? Dá dinheiro até ali, eu acredito que os primeiros agricultores ganharam dinheiro e ainda ganham, mas aqueles que tão começando agora já não ganham dinheiro, porque as firmas já não são mais tão “inocentes”, digamos assim, na questão do fumo, antes ofereciam uma série de vantagens, e agora? Agora é o mínimo. E é uma bola de neve que vai crescendo, porque sair disso aí é muito complicado, porque tá sempre devendo, é o financiamento da estufa, é o financiamento do agrotóxico, da muda, de tudo. Esse assunto os alunos dominam, esse assunto, nota, peso, secamos tanto, deu tanto, tudo eles sabem, se o fumo tá bom, se tá ruim, isso eles sabem com certeza.

Claro, tem algumas exceções. Por exemplo, um aluno me perguntou: “professora, sabia que se a gente plantar salsinha em agosto, ela dá o ano inteiro?”. “Professora, vamos plantar, semear alface na bandeja do fumo e tirar a mudinha porque vai dar melhor, não vai dar amontoada. Então, alguns alunos sabem, se deram conta”.

Agora, outros que tem que colocar dois ou três grãosinhos de feijão de vagem no máximo numa covinha lá, eles queriam atirar, esparramar por cima da terra. Ou a mostarda, como faz? Bota esparramando por cima da terra. Tá professora, e agora? A gente tapa tudo por cima? Com a enxada? Não, temos que passar de leve, para enterrar um pouquinho, senão a semente vai muito fundo, eles não sabem e isso eu verifico em todas as turmas.

Teve um dia que me surpreendi muito. Porque o governo não manda verba pra merenda do Ensino Médio. Então eu combinei com a Diretora, no momento em que tivesse uma boa quantidade de verduras, a gente podia fazer um sopão pro Ensino Médio, já que eles também iam para a horta, eles também tinham o direito. Então o pessoal da cozinha fez, tinha couve, mostarda, brócolis, repolho, espinafre, alguma coisa como cenoura, batata, então trouxeram de Canguçu e acrescentaram. Eu chamei as turmas, eles ficaram numa felicidade, numa felicidade, que ia ter a sopa pra eles.

ANEXO 3: Trabalho dos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó a partir de problematizações em sala de aula

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A – COMPOSIÇÃO DO GRUPO FAMILIAR

COMPONENTES	IDADE	SEXO	
		M	F
PAI	43 43	X	
MÃE	36		X
FILHOS X EU	11		X
2	16		X
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
NETOS			
OUTROS			

B – FORMA COMO A EXPLORAÇÃO FOI CONSTITUÍDA

COMPRA (nº/ha)	HERANÇA (nº/ha)	POSSE (nº/ha)
	X	

C – CONDIÇÃO LEGAL DA TERRA

PRÓPRIA	PARCERIA	OCUPADA	OUTROS
X			

D – UTILIZAÇÃO DAS TERRAS

LAVOURAS		PASTAGENS		MATAS		Não aproveitada construção	
PERM.	TEMP.	PERM.	TEMP.	NAT.	ART.		
X		X		X			

E – ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

TIPO DE CULTIVO		
CULTIVO	ÁREA	QUANT
Cebola		
Pêssego		
Milho		
Batata		
Feijão		
Morango		
Outros		

TIPO DE REBANHO <i>minho vc</i>	
TIPO	Nº DE CABEÇAS
Bovino	
Equinos	
Aves	40
Suínos	10
Ovinos	

F – SISTEMAS DE CULTIVO

TIPO	SIM	NÃO
Rotação de Terras		
Rotação de Cultivo		
Associação de Cultivo		
Prática de Potio		

G – COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO (Relações com o mercado)

TIPO DE PRODUTO	DESTINO DA PRODUÇÃO			
	C. ATAC.	C. VAR.	F. LIVRE	AGRO IND
Pêssego				
Milho				
Morango				
Batata				
Leite				
Vinho				
Tomate				
Outros				

H – RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO

DIVISÃO INTERNA DA MÃO-DE-OBRA	
NÚMERO DE PESSOAS	
SEXO	IDADES
MASC.	
FEM.	

MÃO-DE-OBRA EXTRA-FAMILIAR (Salário)		
TIPOS DE MÃO-DE-OBRA (nº)		
Empreg. Temp.	Empreg. Perm.	Ajuda Mútua
X	X	

I – RELAÇÕES TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

TIPOS DE INSUMOS					
FERTILIZANTES		CALC	FUNG	INSET.	HERB.
QUIM.	ORG.				

USO DA FORÇA MECÂNICA OU ANIMAL		
TIPOS DE FORÇA	PRÓPRIA	ALUGADA
Mecânica	X	
Animal		

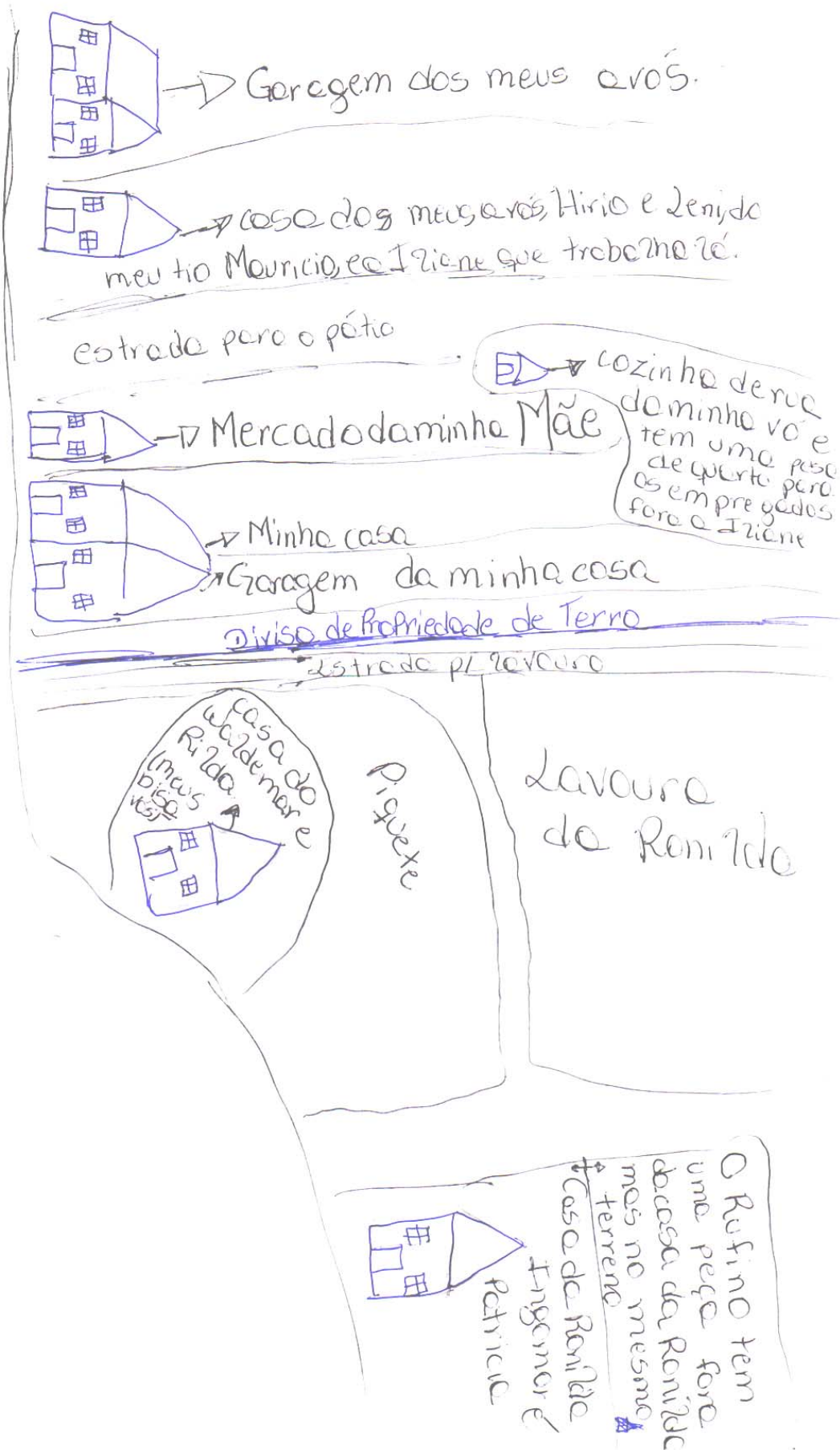
J – ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CRÉDITO RURAL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA		
SISTEMÁTICA	EVENTUAL	NUNCA

CRÉDITO RURAL		
SISTEMÁTICA	EVENTUAL	NUNCA

ÓRGÃOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CIENTÍFICA

ÓRGÃO	SIM	NÃO
EMBRAPA		
EMATER		



26/04/07

eu tenho 2 irmãos e o nome dos meus pais é Regerio e Romilda nos temos 5 bois, uma vaca, 1 cavalo, 9 leitões, 2 cachorros nos plantamos fumo, milho, batata, amendoim, pasto, mandioca, melancia de porco, abóbora e no horto tem salsa, cebolinha, cenoura, tomate, repolho, alface, pepino, chuchu e mais eu mesmo. 90 galinhas, nos temos pé de laranja, goiaba, araca, uva, bergamota, limão, pêssego, figo.

Na minha casa moram 5 pessoas eu, meu pai, minha mãe,
e meus 2 irmãos; Na volta da nos fundos da minha casa tem um pé
de limoeiro e um pé de laranja, e um pé de bergamota que foi
cortado do meio, mais uma parreira, há um caca, tem uma porca,
uma vaca e um teminho e mais 1 cachorro, lá não tem limão. Tem
um abacate, lá nos fundos da casa de seu pai tem um pé de manga com
um agulha com pinha e logo depois tem outro, estão não 2 agulhas.

São lá de casa plantamos umas mamoeiras para que tenha
lá um bom ponto de ~~descanso~~ ^{descanso} quando não estiver por perto para jogar
nos filhos. Não temia nada.

Data: 26 de Abril de 2007